CONTEMPORANEA

5

grande revista mensal

Contemporanea

ANO I.º - VOLUME 2.º
Revista feita expressamente
••• para gente civilizada •••

JORNAL
1922

Editor — Agostinho Fernandes
Revista feita expressamente
••• para civilizar gente •••

LISBOA-CONTEMPORANEA

Desde que ali no Rocio fizeram saltar o primeiro pedregulho da reforma, que um borborinho enorme se levantou entre as gentes — e até na imprensa — contra o vandalismo da Camara Municipal. Ora uma injustiça destas, fére! A má-fé politica com que metem a ridiculo e anavalham a obra, está representada em minoria. A maioria compõe-se daquele genero de tolos para quem tudo quanto os outros fazem está mal feito, porque não foram consultados nem ouvidos.

O português tem certo apêgo aos tempos do «agua-vai». Fazem-lhe enovações, e ainda elas estão em vê-lo-hemos, já ele grita, ridiculariza e desvirtua. Depois de tudo pronto, cala-se convencido. Ora para fazer semelhante figura, melhora fôra que falasse no fim, se visse asneira. Mesmo quando é viajado — o que raras vezes sucede — o portuguez visita apenas museos e monumentos para dizer que os viu aos que preguntarem por êles. Não se fixa em pormenores de arruamentos, detalhes de edificios, caracteres desta ou daquela avenida, porque ficava sabendo que uma capital moderna não tem uma praça principal como nós tinhamos o Rocio. Aquele monstruoso «plateau» onde passava meia duzia de gatos e os vadios tomavam sol, nem era ao menos respeitavel como patrimonio d'arte! Não, aquilo já satisfez uma geração diferente em outra época.

E não se arrependa a Camara Municipal. Começa bem a penitencia das muitas asneiras e desleixos que tem praticado.

Seria conveniente que não descuidasse das medidas de higiene das ruas da cidade. Ser reformador é bom, mas ser aceado tambem não é mau.

E ainda por ahi ha muito a civilizar. Por exemplo: O enorme e desolador Terreiro do Paço. Porque se não faz d'ali uma grande praça? Porque se não movimenta tudo aquilo á maneira do Palais Royal de Paris, abrindo ao comercio as lojas das arcadas? Descongestionem a Baixa, que na acepção de «City» está limitada ao Rocio e aos quarteirões da rua do Ouro e rua Augusta.

Se falta dinheiro é dizer! O povo tem pago até hoje tudo quanto lhe pedem...

Apareceu ali no Nacional mais uma tradução dum tradutor conhecido com originais á venda. Referimo-nos á peça: "The fan of lady Windermere" de Oscar Wilde, traduzida por: "O leque de lady Margarida" pelo sr. Julio Dantas. Ora se este senhor tivesse feito a tradução directamente do original, e alguma coisa soubesse de inglez, não cairia na seguinte asneira: —

A lady da peça é esposa de lord Windermere; ("lord" que equivale ao nosso "conselheiro" ou "comendador") portanto só póde ser designada por "lady" Windermere. Por "Lady Margarida" seria apenas no caso do apelido Windermere ser nobliarquico por ascendentes proprios dela. E' importante a diferença. E se o tradutor lêr com maior escrúpulo a tradução donde traduziu, verá que o autor nunca a designa senão pelo apelido matrimonial.

— Situações adquiridas por conta do Estado...

Brevemente iniciará a sua colaboração o Doutor José Gomes Mota focando sob o ponto de vista juridico as mais importantes questões da nova organisação da nossa vida social.

Pede-nos o sr. Fernando Pessoa que indiquemos que houve um lapso ou erro de citação no trecho de Winckelmann, na fórma que lhe deu o sr. Alvaro Maia ao transcrevel-o do estudo *Antonio Botto e o Ideal esthetico em Portugal*, em que apparece traduzido. Onde o sr. Alvaro Maia transcreve "tem **de** ser concebida", está na tradução transcrita "tem **que** ser concebida" — exactamente como em portuguez.

FOLHETIM

O LOGAR ONDE

Era uma vez um homem singularmente misterioso que não sabia lêr nem escrever. Só sabia bem duas coisas: vêr e ouvir. Mas nunca espreitou a nenhuma porta nem escutou nenhum segrêdo. Passava sempre quando os outros paravam, e nunca parava se uma conversa animada se fazia ouvir.

Se lhe perguntavam pelo seu passado dizia simplesmente:

— Era a unica coisa que sabia de cór e mesmo essa esqueci!

Ora este homem não tinha os olhos com tal ou qual expressão nem o nariz desta ou daquela maneira. Era um homem como qualquer outro. O que ele sabia muito bem era o terreno que pisava, e a noção exacta do espaço a que tinha direito em relação ao espaço do vizinho. Assim, nunca altercou fosse com quem fosse, e pessoa alguma arranjava pretexto para altercar com o homem. Eis o motivo de nunca ter pedido perdão nem desculpa, e de ninguem se humilhar fazendo o mesmo ante êle.

Como não estendia a mão senão para colher aquilo a que tinha direito, não dava esmolas nem fazia favores. Dizia que no espaço a todos destinado pela Sabedoria Divina, cada um realisasse a cotaparte de esforço que lhe estava marcada. Uns chamavam-lhe egoista, e outros magnânimo. Este juizo deixava-o indife-

Ainda sobre Vasquez Diaz

Vasquez Diaz, homem de face glabra e riso aberto, é o pintor moderno, a quem a Espanha de hoje, — conservadora de sempre — teve de acatar o prestigio. Mas ele não esperou que esse prestigio lhe fosse dado entre os seus. Voltou costas á patria que fóra de Goia e de Velasquez não considerava tentativas, e foi na França, na Alemanha, na Italia e na Suissa que ante a sua obra viu curvar-se uma multidão de cabeças. Depois, enfileirou os seus quadros em museos do estrangeiro, e voltou com o sorriso de sempre, o sorriso tranquilo dos que não duvidaram nunca do triunfo.

Uma vez em Espanha viu que não vingava o seu esforço como exemplo. Limitaram-se a respeitar o homem que trazia na bagagem de artista a consagração do mundo estranho, e as «cotteries» da geração continuaram vivendo á sombra da tecnica do Museo del Prado.

Foi com este vinco de desilusão no espirito que Vasquez Diaz lembrou-se de visitar Portugal.

Uma carta do Dr. Feliz de Carvalho, consul em Madrid, foi para a «Contemporanea» o seu passaporte de artista. Depois, em Lisboa a imprensa tomou-o á sua conta: uma chuva de artigos de apontamento e retrato, até que o deixaram respirar, não lisongeado mas agradecido. E foi então na vespera de voltar para Espanha, que conversámos ainda, sem as preocupações engatilhadas de entrevista.

— A arte em Portugal — disse-nos ele — tem um movimento acentuamente modernista como em qualquer das nações cultas onde estive. Vocês teem pintores e desenhadores, dignos de figurarem lá entre os bons. Confesso que o não esperava.. Mais ainda: A tenacidade que exercem, e os elementos de incontestavel valor de que dispõem, devia ser um exemplo para os meus compatriotas...

Vocês lançam-se para o publico como os domadores antigos para as féras: são dum desassombro que intimida!

— E em Espanha, não?!...

— Em Espanha, publico e artistas, pensam ainda que a pintura foi terminar em Velasquez. D'acordo que temos por lá, dois ou trez artistas que não se conformam e que executam a seu modo. Mas nada que represente uma força, um movimento, uma tentativa de renascença!

De tudo isso dispõem vocês presentemente. E oxalá que o conservantismo espanhol desembarace o caminho envergonhado pelo exemplo!

Para não reavivar a desilusão do artista, demos á conversa o rumo natural da nossa curiosidade. Que pensava dos pintores portuguêses..

— Quais?

— Dos consagrados.

— Ah! um grande mestre: Nuno Gonçalves! Uma maravilha!

E confessou-nos que ante os paineis do museo tinha aprendido, — aprendido ainda!

E apertámos-lhe a mão depois doutras referencias que não interessam agora registar.

O. M.

Palavras ouvidas a um hespanhol sobre o possivel acordo economico com a Espanha

O meu amigo fui encontra-lo vestido de amarelo, com sintomas de emigrado do norte, saindo do *Sliping Car Office* do Avenida Palace.

Tinha comprado o seu bilhete directo para Madrid e estava á minha disposição para gastar essas horas de vespera que faltavam, as que ainda podia dedicar a fixar Lisboa, — cidade que verdadeiramente o encantava, e a apreciar mesmo as coisas portuguezas, não apenas por um requinte de touriste, como ele tratou logo de declarar, mas com a ponderação e o cuidado que dedica a todos os assuntos graves, mesmo aqueles que lhe não interessam senão como problemas gerais. Encrespou ligeiramente o sobrôlho como que intimidado.

— «Mas nós não sômos um assunto grave» — afirmei eu, rindo, de mãos nos bolsos, antegosando já a satisfação de lhe impressionar melhormente a retina sobre as belezas da cidade, a ele que a atravessava a correr do paquete de Londres para o comboio de Espanha. «Nós sômos apenas um país que tem este sol no mez de outubro e esta boa disposição. No fundo estamos todos satisfeitos e a prova é que todos os nossos movimentos e expressões são concórdes á mesma *nonchalance*. Porquê, você não é da mesma opinião?...

---

rente, porque indo fóra do terreno alheio, não entrava no terreno dele, que estava ocupado por êle completamente.

Este homem tinha uma mulher com os cinco sentidos em perfeito estado. Servia-o e satisfazia-o em tudo; e sem que se procurassem nunca um ao outro, sempre se encontravam quando era preciso.

Um dia deram ao homem um livro, mas como ele não sabia lêr pô-lo de parte e nem sequer o abriu. A mulher que tambem não sabia, é que por força quiz decifrar o enigma. E tanto falou nisso ao marido, que ele por fim consentiu que um vizinho viesse lêr o livro em voz alta, no serão.

O homem ouviu, ouviu, e apezar de toda a gente dizer que a obra era prima, o seu desinteresse era cada vez maior. Por fim concluiu que tudo aquilo devia ser bom para cegos e surdos, porque esses não viam nem ouviam a vida tal qual ela era, mas sim tal qual a imaginavam. E que muito cego devia sêr, vendo, e muito surdo devia sêr, ouvindo, aquele que tomava por sol um reflexo e por trovoada um éco.

A mulher achou estúpido o homem, e inteligente o vizinho porque sabia lêr. E tanto que ao terminar a leitura fugiu com êle.

O homem fechou a porta, encolheu os ombros e disse:

— Pior para ela. Enganou-se. Quando no sitio toda a gente dizia que ele é que era o enganado.

FORTUNATO VELEZ

— «Vamos falar, vamos falar .. Você quere tomar café? Não quere? Então podemos sair »

Saimos. Voltando ao sol da rua tive ocasião de o ver melhor, de lhe palpar as modificações de trez anos, prescrutando as impressões d'esse tempo todo de vida cosmopolita, fóra da peninsula, onde todas as questões sociais e politicas tomam um aspecto justamente europeu, são factos a valer, sem nenhuma face encarquilhada pela troça, de compostura forçada e comediante. Em verdade ele tinha outra desenvoltura, outra maneira rapida e brilhante de mover os olhos, e se isso me encantava e atraía por um lado, abrindo uma nesga á minha curiosidade de cosmopolitismo, por outro lado ia já tacitamente lamentando tanta ginastica de viagens, que fatalmente oporia muita frieza ás belezas naturais da nossa terra, belezas de marmore e de granito...

Iamos a embicar para o Rossio. O meu amigo já por lá tinha passado, ante a confusão de calceteiros. E como queria saber da minha opinião bairrista a respeito das obras, com muitas perguntas sobre o tempo perdido e por perder, eu respondi-lhe em tres palavras, que aquilo ficará muito bom quando se acabar, muito parisiense e bem inventado. E com pecados na consciencia, travei-lhe o braço, voltei para traz e levei-o para os lados da Avenida.

— "Muito interessante isto aqui. ."

— "A Praça dos Restauradores. Recorda uma pagina da historia: 1640. Mas já ninguem se lembra d'ela quando aqui passa .."

Era o diabo aquilo, porque o meu amigo não é inglez, embora o pareça, de *West Pocket* engatilhada no dedo minimo da esquerda, chapeu claro, botas claras, todo pintalgado de claro como um viajante filho de Birmingham. O meu amigo é espanhol e aqueles olhos pretos, flagrantes, não se confundem, serão sempre a sua grande defeza da perversão *poliglota;* são olhos de sol, olhos peninsulares, duma latinidade que dava mais confiança ao meu braço enlaçado no dêle, até mesmo na conjectura d'aquela *gaffe* de 1640. .

Justamente os olhos do meu amigo nem pestanejavam e a sua resposta, que estava dentro das intenções de ha pouco, foi esta:

— "Vocês os portuguezes estão atravessando uma hora muito critica. Eu não comprehendo como conseguem viver com o dinheiro tão pouco valorisado "

— "E é que conseguimos; respondi sem nenhuma aversão e apenas com um poucochinho de magoa patriotica. E esse facto afinal só prova a situação artificial do cambio."

— "Eu não compreendo, não compreendo como vocês podem viver!"

Estavamos agora no passeio do Drumond Castle. Insencivelmente eu tinha-o arrastado ali para tomarmos carro até ao Campo Grande. A ver se as avenidas novas, na sua arquitectura grotesca e rococo o espantavam, como aguarela impressionista onde a luz do sol é o melhor, o unico elemento

— "Mas sabe que nós estamos em vespera dum grande pacto economico? Sinto com satisfação que a hora de crise no país vai passar muito breve. Ha um sintoma de renascimento por essa provincia fóra. Fabricas e fabricas a serem levantadas, minas a perfurar uma reactividade onde estão estampadas as virtudes da Raça, retemperadas pela guerra. . . Você ámanhã verá, de dentro do comboio. É impossivel morrer com tais sintomas de vida . ."

— "E quem é que vem fazer o pacto economico com os portuguezes?"

— "A Espanha. Pois você não sabe? Não tem conhecimento da entrevista do Augusto de Castro com o seu Rei?"

— "Ah! Sim! Sim! Li tudo com muita atenção... Mas... pacto economico... O que quer isso dizer?"

Calei-me. Sorri-me para dentro num mixto de despeito e garotice .. Realmente o que queria aquilo dizer?...

Iamos na Rotunda. Não desesperando de o encantar com as belezas da capital, eu ia, do mesmo modo que conversavamos, reeditando as indicações de cicero:

— "Olhe: o parque Eduardo VII..."

— "Bem sei — disse ele sorrindo - onde se fazem as revoluções".

Eu tambem sorri mais uma vez, — a ultima; mas foi com um absoluto desanimo, perfeitamente arrazado por todas aquelas sugestões que não tinham resposta nem davam azo a uma argumentação contraria, convincente, de mim proprio. E não me zanguei porque conheço o meu amigo e sei que a sua intenção era levar-me a uma discussão toda cifrada em numeros, toda metafisica, para a qual a hora romantica do sol posto me dava uma covardia enorme, nevrotica, invencivel ..

Iamos subindo Fontes Pereira de Melo, lentamente, com os vagares que convêm a um carro electrico burguez, a caminho da boa digestão da tarde. Os palacetes, no promiscuo agrupamento de casas desiguais e "pires", punham no arruamento uma nota pitoresca que já não interessava ao meu amigo, agora perfeitamente sugestionado pela sua ideia inicial, a que ele vinha scherzando desde o meu abraço do Avenida Palace. Aqui e além um premio Valmôr de mil novecentos e qualquer coisa documentava a falta de pureza d'intenções no gosto arquitectonico da cidade e evocava, sem se saber porquê, os fonografos d'AlmiranteReis. Ainda ergui o braço ali á esquina do Matadouro, para apontar um edificio em paranoia de arcos de volta, mas o gesto foi tão *gauche* e tão deselegante que o recolhi envergonhado metendo as mãos nas algibeiras.

— Porque isso de pacto economico, concluiu ele curvando-se para mim, estaria muito bem se Portugal estivesse realmente um país sem dinheiro — mas arrumado. A Espanha não tem tempo a perder na sua propria civilização. Ajudar Portugal economicamente, está bem. Mas oiça, responda-me a isto: Quais as garantias de que essa ajuda era proficua? Ha por ventura a segurança de que os dinheiros seriam bem aproveitados? Ha uma corrente politico-patriotica estabelecida na vontade do povo portuguez? Está feito ou apenas iniciado o grande problema de educação civica que conduz e orienta o espirito colectivo? Portugal, que eu venho encontrar numa degringolâde financeira, *sabe* o que ha de fazer amanhã da ajuda espanhola? Bem vê, nós não podêmos animar-nos de ne-

nhum espirito de sacrificio por que temos o nosso proprio fomento a acalentar. Politica peninsular, está bem. Não sendo Portugal um paiz essencialmente industrial, o acôrdo com Espanha póde favorecer a esta desde que a sua expansão se encaminhe para as colonias portuguezas. Mas esse acôrdo, para não afectar os interesses hespanhoes, só feito em absolutas condições de estabilidade politica, isto é, preparando a confiança entre governos e governados. Portugal está doente; Portugal deve portanto curar-se e só quando entrar em ampla convalescença interessa para todos os pactos possiveis. Espanha não quererá pactuar com Portugal doente, alimentando-lhe a doença; o que lhe interessa, como politica peninsular, é ajudar a convalescença dum paiz que se pretenda curar. Esta é a minha opinião de espanhol e deixe-me dizer lhe que, quando a questão fôr ventilada no paiz, se não fôr nos termos que lhe deixo apontados, eu serei contra a aproximação luzo-espanhola. E não sei se sabe, meu amigo, que nós já temos creada no nosso paiz a *ciudadania*, quero dizer, a responsabilidade politica do cidadão em todos os actos do governo. Os governos em Espanha governam com a vontade do povo e nunca ostensivamente divorciados dêle".

O carro tomava a curva em Duque de Saldanha. Entrávamos francamente na noite. A estatua desenhava uma silhueta negra, sem beleza, sem vigor. O meu amigo calou-se por um momento, mas logo continuou:

– "Outra estátua. Tenho reparado que Lisboa tem muitas estátuas. Tal como em Espanha. Os portuguezes tem os mesmos defeitos dos espanhoes".

— "Têmos defeitos peores. Quanto a mim este será antes qualidade. E' uma preocupação de beleza que só não está bem quando é mal feita".

—"Parece-lhe? Em Inglaterra as estatuas são rarissimas. O que interessa são as escolas. As escolas profissionais, de ensino pratico. Deve homenagear-se um homem ilustre? Com o dinheiro da estatua construa-se uma escola e dê-se a ela o nome do homem. Pronto E' uma obra muito mais patriotica e civilisadora. Entre a estátua e a escola eu prefiro, esta por todos os motivos".

– "Eu prefiro as duas, nesse caso. Ficam satisfeitos todos os pontos de vista".

—"Mas o caso de Portugal é diferente. Aqui tem que se votar pela estátua ou pela escola. Não ha dinheiro para as duas; e eu estou vendo qual é a preferida..."

— "O meu amigo passa em Portugal muito depressa... Não tem tempo para ver tudo..."

—"Não é preciso ver mais. Os paizes vêm-se melhor de fóra que de dentro. O erro de Portugal, todos o sabem, é a falta de educação civica. Daí a desagregação politica que traz este pais em constantes tumultos. Os senhores estão constantemente a derrubar os governos. Deixem estar os governos! Deixem estar a republica, já que ela cá está. Mudar de governo é mau. Mudar de instituições, neste momento, ainda seria peor."

— "Mas se ninguem pensa nisso..."

— "Tanto melhor. Porque a unica maneira de Portugal se salvar é conseguindo, colectivamente, a responsabilidade individual. Não sei se me faço perceber. Em Inglaterra a sociedade está admiravelmente organisada, precisamente porque os deveres e os habitos estão metidos na mais severa disciplina. E' deste assombroso comando que nasce a liberdade ingleza. Portugal assim o deve entender tambem. Cada individuo não se pertence, mas á sociedade que frequenta e de que faz parte. Isto é rasoavel porque nós vivêmos em sociedade e não isolados uns dos outros. Portugal precisa de ter uma vontade bem encaminhada, no sentido progressivo. Esse trabalho de unificação é facil. Basta que assim o combinem vocês, os intelectuais".

—"E' essa justamente a grande dificuldade, meu amigo!"

— "Não é, não me fale em dificuldades. Vocês podem e devem crear portuguezes praticos, com ideias praticas. Nada de programas transcendentes e complicados que nada conseguem, porque nunca se cumprem. Formulas simples e claras. Simplificar tudo e sempre, eis a unica maneira de realisar. Um portuguez que saiba ler e escrever, faça as quatro operações e tenha principios normais de patriotismo, religião, educação civica e profissional, a vontade equilibrada pela consciencia de si proprio, é proveitoso para o seu país. Com portuguezes assim preparados existirá *realmente* a vontade de progredir e só então todos os pactos economicos serão possiveis e necessarios. Nessa altura conte comigo para lançar em Espanha a ideia da aproximação com Portugal".

O electrico tinha voltado e já retornava pela avenida da Republica, outra vez a caminho dos Restauradores. Foi o condutor a cortar bilhetes, que veio pôr o ponto final nas considerações do meu amigo. E ficámos calados todo o resto da viagem, ele perfeitamente calmo, como se tivesse discutido um *presupuesto*, eu mechendo-me no banco com uma sensação de mal estar que me fatigava e oprimia. O carro agora descia veloz pelas avenidas abaixo com preocupações de fim. Não tardou que parassemos outra vez no Drumond Castle. Descêmos. Travámos o braço, fômos indo sem mais palavra pela rua do 1.º de Dezembro além.

— «Vamos a cenar, verdad?»

— «Ya lo creo».

Outro silencio, sem a menor preocupação do jantar. Um side-car, com a torneira do escape num delirio, ensurdeceu-nos e encheu-nos do fumo azedo da gazolina.

– "Se o pacto se fizesse, disse ele por fim, só um homem em Espanha seria capaz de o negociar, com as melhores vantagens para todos, um homem imensamente pratico, a inteligencia politica mais bem organisada que nós têmos".

—"Quem era esse homem?"

– "Cambó".

Esquecia-me dizer que o meu amigo é engenheiro de maquinas pela Escola de Engenheiros de Barcelona e que, sobre ser espanhol, é imensamente catalão.

E fomos jantar ao Leão d'Ouro.

LUIS MOITA

Sobre Afonso de Bragança estamos ainda reunindo colaboração que destinamos ao proximo numero. Por ser a mais distinta, publicamos desde já a do consagrado maestro Francisco de Lacerda.

OS EUCALIPTOS

POR MONTEIRO LOBATO

Edmundo Navarro de Andrade

Se foramos medico e acaso nos surgisse, consultorio a dentro, um cliente nas ultimas, queixoso de gelidez n'alma, ankilose do enthusiasmo, indifferença em grão nirvanico, scepticismo marca FFF, receitar-lhe-hiamos, incontinente, o unico medicamento capaz de salvar semelhante desgraçado: uma visita ao Horto Florestal do Rio Claro. E dariamos a cabeça a cortar se o infeliz não regressasse enfolhado de esperanças como um platano de Setembro ou apendoado de flores como as roseiras de Outubro.

Porque o Horto não se limita a ser um remedio de effeito aleatorio: é um topico, um porrete melhor que o mercurio para a syphilis ou a aspirina para as nevralgias.

— Mas que Horto maravilhoso é esse? perguntará o leitor.

Ah! o Horto é uma coisa séria. É uma coisa «que só vendo». É dessas lições vivas de energia que só julgamos possiveis em paizes como os Estados Unidos e a Alemanha. É uma prova, com os noves fóra, de convencimento absoluto. É uma aberta que deixa entreluzir o que podemos ser no futuro. É um filho vigoroso e nobremente viril do trabalho intelligente em connubio com a sciencia da verdade. É uma victoria completa, esmagadora, a coroar uma batalha de 17 annos.

O Serviço Florestal da Companhia Paulista constitue um formidavel exercito de 8.500.000 eucalyptos, armados em pé de guerra, com a mobilisação marcada para daqui a trez annos. Só com essa edade, vinte annos, é que entrarão em batalha, a fecunda batalha da paz, desdobrados em dormentes, achas de lenha, postes, moirões, taboado, carvão e essencias.

Mas a formação desse exercito não pára. Todos os annos centenas de milhares de conscriptos saem dos canteiros e vão engrossar as phalanges veteranas que se distribuem á beira da linha ferrea em varios pontos estrategicos.

O quartel general situa-se em Rio Claro. Ahi reside o commandante supremo, Edmundo Navarro de Andrade, a maior auctoridade mundial, hoje, em materia eucalyptica. Base de operações, dalli do seio dessa formidavel floresta artificial de mais de 3 milhões de arvores é que parte a idéa coordenadora que uniformiza e articula os demais corpos de exercito, acampados em Loreto, Boa Vista, Rebouças, Tatú, Cordeiro, Camaquan e Jundiahy.

Centro de estudos florestaes, esse horto deixa a perder de vista tudo quanto se fez no Brazil por iniciativa governamental. Burocracia nenhuma, nenhum bysantinismo, nada que lembre a parlemice marasmatica em que inevitavelmente caem os serviços publicos.

da Contemporanea — JORNAL

Os nossos serviços publicos! Conta-se de um horto onde se iniciára uma sementeira de eucalyptos. Veiu visital-o um dia a mulher do secretario da Agricultura. Examinou tudo, mulherilmente, e dando com os eucalyptos disse:

— Não gosto disto. Prefiro violetas.

E lá se substituiram os eucalyptos pelas violetas da senhora ministra...

Impossivel uma coisa destas num estabelecimento particular, e muito menos em departamento da maravilhosa empresa que é a Companhia Paulista.

Resultado: o problema resolve-se de vez, a floresta cria se em proporções formidaveis, a demonstração se torna exhaustiva e o caminho fica aberto, liso e plano como rua d'asphalto, para todos quantos queiram atirar-se á silvicultura.

E tanto é assim que, contagiados pelo exemplo da Paulista, e industriados por Edmundo Navarro, o plantio de eucalyptos cresce no Brazil maravilhosa-

mente. Em S. Paulo orça já por 13 milhões de arvores. No Rio Grande do Sul anda por 15 milhões. Um industrial alemão, Bleckmann, lendo o livro de Navarro, veiu de lá, especialmente, para verificar com seus olhos a exactidão do que lêra; e hoje, gerente da Companhia Geral de Industrias, em S. Leopoldo, planta 600.000 pés por anno. A Companhia do Morro Velho, visando a futura exploração do ferro de Itabira, planta 200.000 annuaes. A Companhia Florestal Fluminense tem um programma de um milhão. No Ceará a Companhia de Melhoramentos planta 100.000 por anno, para dormentes. Em Santa Catharina a Companhia Aranguá, em Laguna, planta em larga escala afim de obter escoras para as minas de carvão. A Companhia Electro-metallurgica de Riberão Preto pretende plantar 600.000 annuaes para abastecer de carvão seus futuros altos fornos. Alem destas, numerosas pequenas plantações particulares surgem de toda a parte, de 10, de 20, de 50 mil arvores, todas filhas do exemplo da Paulista e orientadas pela visão segura de Edmundo Navarro.

Pergunta-se: O Ministerio da Agricultura, em annos e annos de funccionamento, com verbas enormes, fez até agora obra que se possa comparar a esta? Fomentou alguma cultura, orientou-a, na escala e com a segurança desta maravilhosa iniciativa particular?

O nucleo mais antigo dos eucalyptos da Paulista localisa-se em Jundiahy plantado, crêmos, em 1903. Constitue a velha guarda, de cujo seio surgiram, este anno, os primeiros postes para o serviço de electrificação dessa via-ferrea, no trecho de Jundiahy a Rio Claro.

Merece especial menção este facto.

Discutindo-se qual a madeira mais conveniente para a obra, os campeões do nacionalismo florestal apresentaràm-se em campo com o guarantan *non plus ultra*.

— Experimentemos, diz a Paulista.

Tudo preparado para o grande *match*, saltam á frente do terrivel campeão indigena trez especies de eucalyptos — o *robusta*, o *butroides* e o *tritticornis*, conduzidos por mãos do *entraineur* Navarro.

O nacionalismo riu-se. A derrota do pau australiano seria inevitavel porque o guarantan apresentado era velho de 150 annos, no minimo, ao passo que os eucalyptos contavam apenas 17 risonhas primaveras. Lucta de Golias com David...

Mesmo assim todos torciam pelo campeão nacional, num patriotismo de pau, gosando-se antecipadamente da esfrega que ia soffrer a madeira intrusa.

Iniciadas as experiencias de resistencia, o guarantan rompe com uma carga de 2.790 kilos, e 2m,05 de deflexão.

Palmas. Bravos. Fôra um resultado brilhante, pois que lhe bastava resistir a 600 kilos apenas para ser approvado com o grão nove.

A lambuja de 2.790 kilos fez delirar de enthusiasmo o patriotismo silvicultor. A Liga Nacionalista, informada, abriu uma garrafa de champanhe... de abacaxi. E armou-se para bebel-a.

Mas a experiencia prosegue, entrando em scena o *robusta*, que rompe com 2.378 kilos de carga. Teve parabens indulgentes, foi gabado, recebeu palminhas de reconforto. Apanhára do nacional por differença de 412 kilos — uma vergonha.

A Liga mandou hastear o pavilhão.

Mas a experiencia não estava conclusa, e pula á arena o *butroides*, que resiste mais que o *robusta*, que resiste tanto como o campeão nacional, que resiste mais que elle, e que o derrota, pois só rompe á carga de 3.227 kilos com deflexão de 0,90.

Desapontamento. O nariz da Liga cresce. O coração da Patria sangra...

— O *tritticornis* agora!

Vae o *tritticornis* para o supplicio. Amarram-lhe o cabo ao pescoço. Começa a girar o parafuso millimetrico.

Uma tonelada.

Duas toneladas.

Duas toneladas e mais 790 kilos — o indice do guarantan!

Trez toneladas!!

Quatro!!!

Cinco!!!!

O assombro é geral. Os patriotas, furiosos com tamanha resistencia, torcem o arrocho com furia.

Cinco e meia!

Seis!!...

Chega a ser desaforo. A Liga bate um telegramma protestando: Ha truque! Deram-lhe a beber infusão de kola! Está inbrado de aço! Não é pau!

E o *tritticornis*, impassivel, continúa mudo, sem um estalinho de dôr!... Só deu o berro á carga de 6.517 kilos, com deflexão de 3m,40. Bateu, pois, o campeão indigena por uma differença de 3.727 kilos na carga de ruptura e 1.35 no índice de deflexão.

Quando as brisas levaram a nova do heroico feito aos varios hortos da Paulista, oito milhões de arvores, irmãs do Mac Swiney vegetal, tremelicaram as folhas. O passaredo já nascido entre os eucalyptos desferiu trinos de victoria e as cigarras chiaram, numa vaia.

Emquanto na capital, com dôr de alma, a Liga rearrolhando a garrafa de champanhe, punha a bandeira a meio pau. E cobria a cabeça de cinzas... de pau brasil.

Do livro de jornalismo «A Onda Verde»

ANTONIO SOARES

E A SUA PROXIMA EXPOSIÇÃO

Emile Carrière disse que os pintores eram visionarios de realidades, e isto cabe á justa na expressão dos trabalhos de Antonio Soares, porquanto, este pintor, essencialmente citadino e literario impregna a sua obra não propriamente do que vê e sente mas de um resultado torturante de todas as impressões que recebe e vae amontoando.

São de sua preferencia as figuritas frageis de mulheres galantes; as expressões androginas, futeis, da vida moderna mas ás quaes Antonio Soares adapta sempre um conceito intimo dando ás suas telas e desenhos motivos literarios que os tornam pessoaes e notavelmente interessantes.

Na sua obra de «elegancias» vê-se, nitidamente, a differença que ha entre este artista e o figurinista que pinta elegancias para serem vestidas, e nota-se este facto porque o pintor Antonio faz das ideias motivos, psicologia, «decors».

Adora as mulheres não por um sentimento sexual mas sim por encontrar n'ellas esse prolongamento mysterioso que nos liga á Creação. Gosta tambem de tudo quanto representa—sempre literariamente—a perversidade feminina e d'est'arte Antonio Soares, que não é um pintor de processos vem-nos provar que a Mulher Moderna é a ultima creação dos artistas plasticos.

Portanto — estamos certos — a sua proxima exposição, mais uma vez nos virá affirmar estes mal alinhavados conceitos...

F. G.

A UNIVERSIDADE NOVA

"Aquele que não sabe repetir é um esteta. Aquele que repete sem entusiasmo é um filisteu. E só aquele que sabe repetir com entusiasmo sempre novo é um homem".

KIERKEGAARD

I

OS NOVOS EM PORTUGAL

A CONTEMPORANEA impõe-se para mim como obra de construção iniciada e dirigida pelos novos -- **para civilizar gente.**

E esta tarefa, que a burguezia do bairro recebeu com o desdem superior de quem não suporta blagues, é já hoje um facto que todos têm de aceitar.

Novos em Portugal não hão-de ser só aqueles homens que ao entrar na vida prática põem no desempenho da sua profissão todos os cuidados e todos os carinhos de quem vive uma vida propria. Novos em Portugal tem de ser todos os que, cansados da vida errada e de mentira que se tem vivido, voltam os olhos para o mundo deste século e caminham na frente.

Desviados de tudo o que corre além fronteiras os portuguêses não se apercebem de que os seus emigrantes vão crear núcleos fortes de actividade nos mais

moços e mais vigorosos países modernos, onde se impõem pelas virtudes cívicas e até pelo esforço pessoal.

E mesmo a Espanha, que a nosso lado se liberta do peso da ronceirice e se ergue viril, consciente, obreira da nova civilização, cidadã forte do cosmopolitismo do século vinte — combatendo pelos novos a "lenda negra" que a ocultava aos olhos do mundo, é para nós tão alheia como a mais afastada de todas as nações.

Viver hoje, no nosso tempo, é construir — e nós morremos todos lentamente neste amolecimento consentido de todos os dias.

Eu sou daquelas pessoas que creem firmemente no dia de ámanhã.

E não o faço por um messianismo comum, nem por qualquer outra razão igualmente metafísica, mas tão sómente porque sei que entre os rapazes de hoje há-os capazes de realizar e de construir.

O nosso erro fundamental tem sido esperar por uma solução que não chega. E preciso de afirmar muito concretamente que nenhuma das minhas palavras tem a menor intenção politica, no sentido particularista, de seita, que usualmente se lhe dá.

Para conhecermos bem as dificuldades do nosso problema não basta estudá-lo em casa, embora ponhamos nesse estudo toda a inteligencia e todo o saber da nossa actividade. Para o resolver temos de o viver intimamente, primeiro; e logo estudá-lo de fóra, analizá-lo, compará-lo, para que as regras saiam boas e as soluções exactas.

Em Portugal todos padecem da mesma anciada loucura. Todos clamam redenção, todos criam redentores, para os escorraçar em cada momento. Todos querem o mesmo e ninguem sabe o que quer. Vive-se sem pontos de referência exterior. A civilização passa ao longe. Os nossos espiritos, muito novos, muito aptos, aguçados pelo proprio sofrimento, adaptam febrilmente tudo que de fóra lhes vem. De todos os pontos surgem receitas, formulas, panaceias. E no fim de contas tudo foge e se esvai ante a nulidade dos esforços, a inepcia dos mais esforçados.

Cumpre-nos rasgar nas fronteiras portuguêsas uma brecha larga e ampla. E habituar os pulmões fracos destes doentes a respirar o ar oxigenado das terras novas.

As energias creadoras têm de aplicar-se com a maior soma de eficácia. E a eficácia não pode logicamente sair da provada e sistemática incompetência daqueles a que tem sido confiada a nossa orientação. Temos de nos não esquecer das realidades práticas.

Tenho observado que os novos, compelidos pelas circunstancias ambientes a viver uma vida demasiado isolada, se fecham falsamente em formulas falsas e resultam vãos.

Este caracter, incontestavelmente dominante, quando transformado de fim em instrumento, é a maior garantia do seu triunfo.

A obra dos novos é a inevitavel revolução que convulsiona o mundo. Façamo-la com a serenidade estudiosa dos sábios, antes que a façam outros, alucinadamente, como num suicidio.

Toda a nossa actividade tem de assentar no valor pessoal, tomado na sua maior extensão. E como a crise é de caracteres, de unidades, precisamos de preparar individualmente os elementos desse núcleo propulsionador de formulas novas. Como? Primeiro, pela força moral. Depois, pela cultura mental, de profissão. E os dois aspectos se encontram resolvidos na formação de uma *Universidade Nova*.

Que os principes encantados já não chegarão em manhã de nevoeiro, por muito que isso pese a muita gente!

II

O PROBLEMA UNIVERSITARIO

A nossa Universidade inexistente, amorfa, inexpressiva, é o melhor e o maior testemunho da nossa desorganização geral. O Governo Provisório marcou uma nobre atitude, que todos nós recordamos com reconhecimento, creando a Universidade de Lisboa. Mas a acção foi improficua porque não basta legislar e porque a obra inicial não foi devidamente compreendida, nem honestamente secundada.

A Universidade de Lisboa é ainda hoje, passados já onze anos sobre a sua fundação, um agregado heterogénio de escolas, de sábios, de estudantes. Mas onde está, onde se encontra, o espirito comum que caracteriza uma Universidade? Onde e quando se falou em provocar o conhecimento e o convivio dos alunos e mestres das diversas escolas? O temor dos encontros vai até proibir — com quebra da velha praxe—que os rapazes falem na sessão inaugural da Universidade, impedindo-se que digam publicamente ao seu Ministro, ao seu Reitor, aquilo que pensam da escola que os forma, aquilo que têm o dever de dizer e que tem de ser ouvido.

Há cerca de dois anos surgiu um pseudo movimento nacional pretendendo que todas as energias e todas as esperanças se dirigissem para as nossas colónias. Esse movimento conseguiu por instantes prender as atenções do país, para logo desaparecer dentro das engrenagens oficiais. O Alto Comissário em Angola, na sala da Academia das Sciências, perante o Govêrno, perante a Imprensa, proclamou a necessidade inadiavel da Universidade intervir na vida e no problema colonial. Como foi recebida esta afirmação? Qual foi a escola que orientou neste sentido energias novas? E que acontecerá àmanhã quando, pela inaptidão, pela incompetência, voltarem do ultramar os que primeiro partiram, com o exemplo vivo e desanimador da derrota? Será então e só então que os nossos meios universitários tomarão conhecimento do seu descuido — quando decerto já nenhum esforço o poderá remediar.

E' preciso que a Universidade se integre nas necessidades nacionais, é preciso que o paiz acompanhe e desenvolva a vida da Universidade.

Extensão universitária é a obra que defendo — mas extensão universitaria não é a transmissão ao publico deste cáos pavoroso que são as nossas Universidades. Extensão universitária de uma *Universidade Nova*, que todos nós temos que construir com esforços, mas com decisão.

Os novos tem o direito de reclamar que os Mestres os ajudem na reconstrução duma grande escola que seja fundamentalmente de alta educação moral e cívica; que seja uma casa respeitavel de pessoas respeitaveis, que faça de cada estudante um homem consciente e de cada mestre o credor indiscutivel da consideração de tal aluno.

E' preferivel encerrar as escolas que funcionam mal, do que insistir na burla duplamente criminosa de iludir o país com diplomas, e os diplomados com ensinos inuteis. E' uma questão de moralidade que vai exercer as suas conseqüências na vida da nação. "Dellas participa igualmente o bem público do Estado; por se suffocarem, e perderem deste modo muitos talentos da mocidade; os quaes, sendo bem cultivados, e preparados nas escolas menores; applicando-se

a Ella com as luzes necessarias no tempo da vida proprio, e competente para Estudos tão graves, e serios; e sendo depois providos nos empregos, e Lugares na idade, que para estes prescrevem as Leis; poderiam edificar a sua fortuna sobre alicerces mais sólidos; adiantar as suas familias com as honras, que adquirissem; e servir utilmente á Igreja, e ao Estado". [1]

Mas precisando factos, eu vou dizer como entendo que dentro das possibilidades dos organismos universitários actuais encontro soluções imediatas para este problema.

Consistem fundamentalmente: 1.º Na organização das Associações de Estudantes; 2.º Na creação de Institutos de Investigação Scientifica.

III

ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES

A função fundamental das associações escolares está na preparação do estudante para a vida cívica. Não cabe no âmbito deste trabalho demonstrar esta afirmação, que se encontra demasiado provada, até mesmo entre nós, para que julgue necessario insístir nela. [2] As associações académicas portuguêsas embora não correspondam, por via de regra, a uma organização capaz, estão no entanto muito divulgadas e estruturalmente dentro da formula que convem. Em todas as escolas secundárias, superiores e especiais superiores de Lisboa, e em quasi todas as do continente, funcionam regularmente associações que não têm caracter meramente recreativo e praticam sempre serviços de assistência.

Em Junho de 1921 reuniu-se na Sociedade de Geografia de Lisboa o primeiro Congresso Nacional Cooperativista, e fui encarregado pela Federação Académica de defender uma tese que se intitulou: "As associações escolares e o cooperativismo", em que procurei esquemar um estudo sobre estas sociedades e apontar-lhes uma orientação. [3]

Parece-me que tem excepcional oportunidade a colaboração de professores

---

(1) Estatutos Pombalinos da Universidade de Coimbra, 1772.

(2) Cf. «Educação Civica» Antonio Sergio; «Autonomia Universitaria» H. Teixeira Bastos; «A Universidade Portuguêsa e o Problema da sua Reforma», A. Celestino da Costa; «Educar», Agostinho de Campos; «O ideal do serviço social e a escolha de uma carreira», Caetano Gonçalves; «Residencia de Estudiantes», Madrid, 1921-22; «Les Universités et la vie scientifique aux États-Unis», Maurice Caullery; «Les écoles et les universités aux États-Unis», Charles Bastide.

(3) Esse estudo, que não publiquei, está sumariado como segue:

PRIMEIRA PARTE — CARACTERES ACTUAIS DAS ASSOCIAÇÕES ESCOLARES PORTUGUÊSAS

I — As associações escolares nas escolas secundarias. Dois tipos: A) *Solidaria*, B) *A Caixa Escolar.*

II — As associações escolares (académicas) nas escolas superiores.

III — As Federações Académicas Portuguêsas: A) Federação Académica de Lisboa B) Federação Académica de Portugal.

IV — Fins e meios das Associações escolares, deduzidos dos caracteres apontados.

V — Dois tipos interessantes de actividade social adjunta ás escolas: as *Sociedades de Amigos* e as *Associações de Antigos Alunos* — Um caso isolado: a *Associação de Instrucção ás classes trabalhadoras* — As *associações religiosas* para estudantes. — As *Associações regionais.*

e antigos alunos na reorganização das suas associações, de modo a formar-se um bloco material que, além de ser o suporte basilar da *Universidade Nova*, resolva problemas de urgencia inadiavel, tais como os que constam do Cap. I, da 2.ª parte do sumario da minha tése. Por um sistema cooperativista acessivel a todos os estudantes e sobretudo pelo apelo aos amigos das Universidades (como se faz nos Estados Unidos da America do Norte com os "trustees", espécie de acionistas que sustentam as escolas superiores) e as instituições que legalmente devem suprir às necessidades orçamentais ([1]), se asseguraria a instalação das associações.

A grande maioria dos estudantes de Lisboa vive do seu trabalho; havendo mesmo quem tenha de sustentar consigo pessoas de familia. Muitos outros vivem por pensões.

Há portanto a necessidade de aceitar e sancionar esta situação fazendo com que associações escolares tomem a seu cargo este problema. "A Casa dos Estudantes" ([2]) pretende centralizar a vida post-escolar num edificio onde, com todas as comodidades que o conforto moderno exige, o estudante encontrará todos os elementos de trabalho e de estudo, álem da camaradeira convivência que nas nossas dispersas escolas universitárias é impossivel, e destroi "ab initio" o espirito universitário. É a organização policiada e perfeita duma grande "república", daquelas classicas repúblicas da velha Coimbra, modêlo exemplar de fraternidade, tão arredada já dos costumes e usos de cada dia.

Tem-se discutido se as associações de estudantes devem ser consideradas como associações de classe, dada a deficiência da legislação em vigor (Dec. 9-5-91 e lei 14-2-908). Este problema já está teoricamente resolvido. ([3])

SEGUNDA PARTE — DESENVOLVIMENTO DO COOPERATIVISMO ESCOLAR

I — Necessidades de alojamento, alimentação, conforto, assisténcia, recreio, trabalho e colocação do estudante português.

II — *A Casa dos Estudantes.*

III — *Associações de Antigos Alunos* — Dois tipos: A) Profissionais; B) Fraternidades.

TERCEIRA PARTE — CONCLUSÕES

I — Projecto tipo de Associação Escolar de Estudantes de ensino secundário ou especial médio.

II — Projecto tipo de Associação Escolar de Estudantes de ensino superior ou especial superior.

III — Projecto tipo de Associação de Antigos Alunos de qualquer escola.

IV — Projecto de lei creando e regulando a Casa dos Estudantes.

QUARTA PARTE — ADDENDA

I — Quadro sinóptico das associações escolares que funcionam actualmente nas escolas portuguêsas com indicação dos seus caracteres gerais e datas da fundação e promulgação da lei vigente.

II — Bibliografia.

([1]) No *Estatuto Universitario* de 1918 consigna-se o principio de contribuirem as corporações administrativas para a manutenção de cursos normais e especiais nas universidades (art. 3.º § único)

([2]) O dr. Luis Simões Raposo, assistente da Faculdade de Medicina, tem um trabalho muito interessante sobre esta instituição e conseguiu a colaboração material de professores e capitalistas de modo a poder realizar, segundo crê, os seus planos. Tem no entanto uma orientação essencialmente scientifica, isto é, a sua obra está mais dentro da orientação do capitulo imediato.

([3]) O dr. Artur de Oliveira Ramos que, no citado congresso, apresentou uma tese sobre

A lei 861, que foi tão combatida e provocou o maior conflito universitário dos ultimos tempos continha no entanto disposições interessantes, tendentes a fomentar o desenvolvimento das associações académicas (art. 9.º). [1]

Organizadas as associações de estudantes dentro da Universidade, elas constituiriam permanentemente aquella força que, em geral, só se manifesta quando um conflito provoca a defesa; os mestres eram compelidos a colaborar com os discipulos; e, sobretudo, a Universidade entraria positivamente como um elemento material de civilização.

IV

OS INSTITUTOS DE INVESTIGAÇÃO

Os movimentos intelectuais que provocaram, na Belgica, a "Université Nouvelle", na Espanha, a "Junta para ampliación de Estudios" e mais recentemente, na França, "Les Compagnons de l'Université Nouvelle", tendem todos a emancipar a sciencia dos moldes emperrados da vida oficial, a crear uma actividade fecunda nos laboratórios e a colocar cada estudante e cada mestre dentro do seu proprio campo de acção.

As duas primeiras tentativas já estão de tal modo estabilizadas que constituem exemplos indiscutiveis. Aqui, o que cumpre fazer é simples: intensificar a actividade dos Institutos que já existem (e há-os modelares na Universidade de Coimbra e na Faculdade de Medicina de Lisboa) e efectivar aquelles cuja existência não vai além do diploma que os creou. Alguns teriam mesmo de ser desdobrados como o Instituto da Faculdade de Letras, que não funciona, e outros organizados em molde perfeitamente novo. [2]

Assim poderiam os mestres valiosos da nossa Universidade empregar a sua actividade de modo a resultar das aulas práticas uma obra de conjunto e proveito, que dentro do actual sistema é impossivel.

---

a caracterização juridica das associações escolares, concluindo pelo projecto de lei que as devia regular, trata definitivamente do assunto, referindo-se a este caso nos seguintes termos:

«As «associações escolares» não têm dentro da nossa legislação uma caracterisação juridica própria. As associações de estudantes actualmente existentes constituem-se de harmonia com as disposições da lei de 1907. E impondo-se como necessidade imediata dar ás «associações escolares» meios proprios para o seu desenvolvimento, e não bastando a integração de disposições acessórias no decreto de 9 de maio de 1891 para que elas se possam organisar como convem, cremos que só uma lei especial poderá resolver o problema.

As bases que apresentamos como elementos para o projecto de lei criando e regulando as «associações escolares» respeitam as tradições da nossa legislação, aceitando todavia as tendências e principios consignados na evolução posterior e última do regime francês e que se harmonisam perfeitamente com a nossa organisação juridica.»

[1] As associações nas escolas secundárias constituem a melhor preparação para a actividade social nas escolas superiores. O dr. Sá e Oliveira, durante os quinze anos da sua Reitoria no Liceu de Pedro Nunes, presidiu a uma obra admiravel em absoluto, e incontestavelmente a mais interessante que nesse sentido se tem realizado em Portugal. A associação que hoje existe nessa escola constitui-se por uma confederação de districtos eleitorais, uma câmara de delegados e um poder executivo, que orienta departamentos especializados de administração.

[2] A Associação dos Estudantes de Letras, de Lisboa, propôs em 1920 ao respectivo conselho escolar o desdobramento do instituto de Estudos Historicos creado pela Constituição Universitaria de 1921, em três: de estudos Históricos, de E. Filológicos e de E. Filosóficos;

Independente disto os institutos estabeleceriam (e é esse o espirito da lei de 911 e legislação subseqüênte) a ligação entre os estudiosos e especialistas, que não pertençam ás faculdades, e os membros delas. ([1])

Como trabalho preliminar enviariam missões de estudo ao estrangeiro, que já têm dotações orçamentais.

Foi com organizações similares que a vida intelectual dos Estados Unidos atingiu o seu extraordinário desenvolvimento, que contrasta lamentavelmente com as nossas Universidades, onde (em Lisboa por exemplo) se ensina Psicologia experimental num laboratório que não existe senão no diploma de 1911 e na imaginação lirica do mestre. ([2])

V

Concluindo. Uma *Universidade Nova* faz-se desde já, logo que os novos — rapazes e mestres desempoeirados — quizerem juntar-se contra a calmaria bolorenta da Universidade Oficial.

E á medida que dessa Universidade forem saindo profissionais de consciência veremos diluir-se, surrateiros, os intelectuais de auto-exploração que presumem orientar e *renovar* a mentalidade portuguêsa, e cuja obra — louvado seja o Senhor! — fala bem por nós.

"*Todo pasa. Pasan pompas y vanidades. Pasa la nombradia como la obscuridad. Nada quedará a fin de cuentas, de lo que hoy es la dulzura o el dolor de tus horas, su fadiga y su satisfacción. Una sola cosa, Aprendiz, Estudiante, hijo mio, una sola cosa le será contada, y es tu Obra Bien Hecha*". ([3])

CELESTINO SOARES.
Adido á Legação de Portugal em Washington.

e a creação de três outros: de Arqueologia e Belas Artes, de Estudos Brazileiros e de Estudos Espanhois. Estas propostas, que acompanhavam outras, formando um plano de acção universitaria, não vingaram, porque os seus organizadores tiveram a ingenuidade de as apresentar com simplicidade e clareza — logo todos vendo nelas a bicha das sete cabeças. Sobre esse plano Cf. A Patria, de Lisboa, n.os de 18 e 20 de Dezembro de 1921, Artur de Oliveira Ramos e Primeiro de Janeiro, do Porto, Abril, 1922, Trindade Coelho.

([1]) A CONTEMPORANEA, na sua próxima edição semanal, vai tratar deste problema em detalhe, organizando séries de conferencias e lições, cujo sumário publicará. Conta já com a adesão valiosa de professores das nossas três Universidades e de alguns professores estrangeiros, empenhados no intercambio universitario. — N. da R.

([2]) O poeta João Filinto.

([3]) Eugénio d'Ors.

MAIS LEVE QUE A BORBOLETA

por Eugenio de Castro

Fui pesar o teu amor
No ourives da feira, um dia;
Pô-lo o ourives na balança,
Mas pêsos... nenhum servia.

Para pesar esse amor,
Que sobre o meu tem quintais,
Os pêsos mais pequeninos
Eram pesados de mais.

Mas veio uma borboleta
A voar, azul e amarela:
Poisou no prato dos pêsos,
E o prato baixou com ela!

Contemporanea

MANOEL JARDIM
"DESENHO"

S. GONÇALO

por AQUILINO RIBEIRO

A
JOSÉ DAS NEVES
LEAL

FOI no dia de Nossa Senhora, ano 1207 da graça, que Gonçalo cantou missa. Saíram dos arcazes os paramentos de alegria, entoaram as gargantas frescas do Seminario os hosanas mais magníficos, a pontos da velha Sé parecer tornar-se num céo aberto, que anjos e arcanjos iluminassem de suas àsas radiosas.

Alí mesmo, entre o cális e a hóstia, votou a virgindade à Mãe de Deus. E reza um veneravel agiografo que, nesse momento, a Virgem do Altar dobrara a fronte numa meiguice, num agrado, igual na terra à de mulher, rendida a finezas de amor.

Escusado era este favor celeste para apontar Gonçalo como espelho de virtude, do melhor lume e claridade. Ainda subdiácono, já a inocência dos seus costumes rescendia mais suavemente que um campo de açucenas. O prelado trazia-o sempre à mão direita e, de tal graça, por merecida, nenhum dos ordinandos cobrava sombras. Além de filho estremado duma nobre e rica familia, possuia Gonçalo um espirito sempre assistido da branca e sabia pomba, ão feito nas letras humanas e atilado que não havia heresia que não reduzisse a pó, nem ideia scismática que deixasse de devolver à fábrica de Lucifer. Por isso, muito cedo começaram a ser faladas a santidade da sua vida e a finura do seu entender.

Mercê de tais dotes, foi Gonçalo, logo após a missa nova, provido na abadia de Sam Pelaio, onde, embora o pé de altar não fôsse escasso, o pecado cavalava nedio e à solta como porco montês nos paúis. Tanto que, mais duma vez, o primaz fôra surpreendido a clamar, de olhos fitos no horizonte abominável:

— Arrasai-a, Senhor, como a Sodoma!

E se a não consumia o fogo do céu — explicavam as almas diáfanas dos velhos cónegos da Sé — era que em Sam Pelaio noite e dia alumiava a lampada ao Santíssimo e aquela bárbara gente não se cansava a dar, quer para o Cabido quer para o Paço, os mimos da horta e os primores da salgadeira.

Em despeito da ruindade, mal a igreja vagava, os párocos surgiam a disputá-la e a luta do zelo devoto só via treguas quando o dedo de Deus, pelo seu vigário na terra, havia eleito sucessor.

Foi, pois, Gonçalo sagrado em Sam Pelaio, com grande ferro dos mais presbiteros que queriam ir cansar os braços a fouçar a herva daninha que balofa ali crescia. E, em verdade, tão balofa e pujante era que, mal ali aportou o santo sacerdote, as suas pernas vergaram de horror. O vicio era mais denso que a caruma nos pinhais. No fundo da sua alma, comparou-se Gonçalo a José entre as corruptas egípcias e a Daniel no covil dos leões. O matrimónio — "sacramentum magnum" — e suas leis eram ignorados. Viviam à lei da natureza homens e mulheres, inçando da maneira que bem assinalava quanto a raça era joio em vez de seara de fruto. Em dias certos do ano, reuniam se e, entre chulas e descantes, o arraial via apagar as ultimas estrelas na casa de Pilatos. Ali, comendo e bebendo à tripa fôrra, no meio de beijos e toques impudícos, ajustavam os feios concubinatos.

«Morro por tí, Maria!» «Morro por ti meu Zé!» — diziam os amantes. «Viva lá, então, — respondiam os pais — quem casado é!» — termos eram os do ritual com que contraiam e selavam suas maridanças. Raros os que estivessem ligados pelo nó indissoluvel da estola, pois, que sendo broncos e endemoninhados, lhe preferiam a facil liberdade das mancebías. Para mais, eram supersticiosos, posto que tementes a Deus, nunca faltando no junho a ir espetar ramos nos campos, como por sistema faziam os idolatras na antiguidade.

Tudo isto entreviu Gonçalo e tão abalado ficou que, prostando-se no adro, de mãos erguidas, repetiu a imprecação do arcebispo:

— Arrasai, Senhor, esta infame Sodoma!

Mas como os fieis alimentassem de puro azeite a lampada do Eterno e folares sobre folares — porque era a semana da Pascoela — fossem a caminho do Paço, Sodoma quedou incólume e nela o virtuoso levita, com o gladio da fé, percuciente, virado para Satanás.

⸫

Passante meses, a mão apostólica de Gonçalo, sobre a qual carregava a mãozinha da Virgem, tinha desbravado aquele brejo onde só fazia o Diabo caçadas de altanaria. Com geito evangelico foi conduzindo as ovelhas para o bom redil e afugentando a tiros tesos de doutrina os lobos dos escandalos. E, dentro em pouco, a seara passava em flor para o domínio de Cristo.

O bom semeador só limpa o suor ao fim da sementeira. O escrupuloso Gonçalo demorou-se a rever a sua obra; mas quando o fez, ajoelhando, rendeu graças ao Inefável:

— Por vossos caminhos tortos, Senhor, chega-se tão depressa como por vossos caminhos direitos. Insondavel e infinita sabedoria! Diabólico é o pecado, Senhor, e, no entanto, foi o pecado que vos trouxe entre os homens, e, por êle, nos concedestes a suprema graça de incarnar no seio duma mulher!

Reconheceu tambem Gonçalo a mentira aparente das coisas:

— O terreno mais fecundo é o que está inculto. Um mal póde envolver um desígnio bom da Providência. O sacerdote deve mais ao pecador que ao justo.

Ficou, pois, Gonçalo muito reconhecido a Nossa Senhora por lhe haver reservado aquele maninho, e aos pecadores de Sam Pelaio por tão docilmente amalhoarem no grémio da verdade. De animo prazenteiro, por igual, em todos difundira a doutrina cristã com o

respeito da justiça e das leis do rei, após o respeito da justiça e das leis do céu. E com benévola afoiteza desfizera as mancebías, santificando os escandalosos no matrimónio. Pondo o mor empenho nesta prática, sucedera às vezes, ao anoitecer, estar cansado o incansável sarcedote de casar gente. Pouco a pouco haviam chegado, dos mais benignos aos mais arredios, até que nem um só falhára a legitimar perante Deus a sua afeição carnal. Foi então que Gonçalo se benzera e déra graças.

Mas, uma vez jogada e ganha a batalha com Satanás, outra santa tarefa se lhe deparou. As virgens loucas do logar, jogadas ao repudio, as solteironas de cabelos brancos, que começavam a descrer, enganchando-se-lhe à garnacha, na igreja, na rua, no presbitério, clamavam:

Sam Gonçalinho casai-me,
Casai-me que bem podeis...

E, por intercessão do sacerdote, donzelas de pé airado, matronas coriáceas, bem lançado mal lançado, todas encontravam um marido. E rezam os Bolandistas que a febre conjugal foi tão contagiosa que mesmo animais domésticos queriam casar, erro de que êle os advertiu suavemente.

Assim prestadio e piedoso, tornou se Gonçalo o anjo tutelar de Sam Pelaio, não procurando aquela gente outro juiz para desentrançar discórdias e resolver litígios de honra ou de fazenda. E a sua nomeada correu por toda a corda de povos, e a êle vinham, de longe, suplicantes, e volviam a suas terras satisfeitos.

O prelado, do mirante alto, erguia as mãos numa benção, pois, alêm de chegar até ali o rescendor da boa messe, nunca, dia por dia, cessavam de tinir o chocalho à porta do Paço as mulas remetidas de Sam Pelaio com as oferendas. E tão devota se tornou a abadia que, em todo o primado, não houve segunda que lhe ganhasse em passal e pé de altar.

Sucedeu, porêm, que mal Gonçalo terminou a sua obra de arroteador e casamenteiro, sem aquela grande empreitada de engordar almas para o Paraíso, se viu só e se aborreceu. Não refere Bolonius, nem Bolandus, nem Papebroch, nem Metrafasto, nem mesmo Fr. Luís de Sousa, tratadistas todos de candidez, se o santo depois de casar meio mundo não teria rebates de casar tambem. Que o Diabo arma com a carne as mais subtis esparrelas, di-lo o «Flos-Sanctorum», página por página. Fôsse por isso, o que está muito em harmonia com as manhas de Satanás — e certamente não era este vingativo e soberbo anjo de genio a esquecer os agravos de tão temivel lidador — ou por outras razões, é sabido que resolveu ir macerar-se aos Santos Logares onde Jesus Nazareno padeceu e morreu pelos homens. Mediante beneplácito do prelado, aparelhou-se, pois, para tão dilatada viagem, com catequisar um sobrinho a quem deixaria, como substituto, à testa do seu querido rebanho de Sam Pelaio, onde, desde muito, não ferrava o dente da fera, e a pastorícia era tão amena como lidar com anjos. O sobrinho mostrou-se maleável como a cera ao toque dos seus dedos e valeroso como o rei Wamba a empunhar o cajado, e Gonçalo se deu por contente. E, na alba do dia da Ascenção, cantavam já os melros nos silvados do presbitério, partiu para a Palestina bordãozinho na mão, sacola ao hombro, casais, aldeias e nações em fora, nanja só que acompanhado do Anjo Bento da Guarda.

❦

❦ ❦

Ao cabo de catorze anos, que tantos consumiu em visita e adoração aos logares onde a santa burrinha pastou herva, voltou o santo. E, à entrada da dilecta Sam Pelaio, esfregou os olhos. Esfregou os olhos — tanto mudara tudo que chegou a supor-se num dos pezadelos pecaminosos dos anacoretas! A aldeia tinha crescido, galgando do outeiro para a planice, os meninos eram homens feitos, os velhos pó sepulcral e oh «turpitudo!» — como fôsse dia de festa — de salto reconheceu que o pecado volvera a assentar ali seus tredos e

possantes arraiais. De lés a lés da praça, bailadeiros levavam suas chulas dengosas, e o sobrinho, o seu imediato em Cristo, com amiga e filhos à beira, sacripanta num rancho sacripanta, imolava a perna farta e dourada dum chibarro. E, oh cego e cometedor visco das riquezas! breve se informou que se havia provido na freguezia, tendo-o dado a êle, beato Gonçalo, como cativo e morto em terra de infieis!

Depois de esfregar os olhos, a divina revolta acordou no peito do peregrino. Do fundo da alma implorou, primeiro, o fogo celeste para a populaça e todos os flagelos que mirram o corpo e mirram o ânimo para o aleivoso sacerdote. Mas os saltarinos continuaram a dançar e o padre a deglutir o bom pedaço apetitoso. Subiu, depois, a um paredal e em voz irosa bradou e amaldiçoou. E o povo acudiu em grande motim, homens, creanças, anciães — gente que santificara, e, depois de o escutarem um momento, à testa deles o reitor, com chufas e com pedradas o correram para longe.

Sòzinho no descampado, o santo homem dobrou a cabeça e meditou. E, meditando, daquele e doutros passos concluiu quanto o poder do Demónio é mais resoluto que o de Deus. Basta que o Eterno ou os seus ministros tornem costas, para que a virtude cristã se estiole como planta mimosa ao sol de verão. E Gonçalo perguntava-se e não achava réplica:

— Por quê é o mal o mais forte?

Com o peito a sangrar, não porque a sua vida estivera em risco, mas porque topara transviadas as mansíssimas ovelhas, foi o servo de Deus deitar se, queixoso, aos pé do metropolita. Era outro, porêm, o arcebispo, e à porta do Paço estava a descarregar uma récua que chegara de Sam Pelaio, ajoujada de opimas e finas vitualhas. E secamente lhe foi dito que o que estava feito feito estava, e o sobrinho se colara na abadia de patena e cális que era, como quem diz, de pedra e cal.

Conformou-se Gonçalo com estas razões e, de alma chorosa, mais uma vez assentando quanto são caducas as coisas humanas, se recolheu a um ermo. E, cavando uma choça, se entregou, de seguida, a rigorosa quaresma. Bolia perto um corgozinho e nele e nos frutos silvestres se restaurava. Não se sentia em redondo frauta de zagal, nem ferra de cavador. Mas logo na manhã do segundo dia, aves vieram de todas as bandas, o carriço bonifrate, o pardal travesso e chalreador, a calhandra cuidadosa, o tejasno ascético, o pintasilgo mestre de solfa, toda a voz musical dos bosques, toda a àsa do céu, e poisando sobre a gruta, cantando, pareceu a Gonçalo que com ele rezavam as Horas da Virgem Mãe. E, a todo o ambito, nos lezins da fraga e na toalha da areia, cresceu a relva e desabrochou um jardim que nem se maio chegara a uma terra gorda de promissão. E, por tanto, vendo Gonçalo ali o dedo de Deus, se debruçou sobre a terra a beijá-la. E, logo de seguida, abençoou as aves e bem-dizeu a mão que para ali as arrebanhara.

Neste andurrial, em breves dias, se restabeleceu a fama de Gonçalo e se lhe couraçou do mais puro aço a constancia de apóstolo. A sua voz — "ignitum eloquium" — atroava a impiedade e fazia sofrer ao vicio rudes desfeitas. Nunca faleciam turbas a ouvi-lo; vinham romagens de longes terras; cercavam-no os discípulos e a gente que achava mais sabor na melancolia e na fruta das selvas que nos regalos do mundo. E uma aldeia começou a formar-se do lado de lá do regatozinho, onde menos se padecia do enxovalho do vento e o solo aparentava de mais úbere. Todos os dias, contudo, a outra banda vinha até o servo de Deus para orar e louvar.

Com o inverno, porêm, o riacho tornava-se torrente e queria a tentação do Demónio que muitas pessoas morressem afogadas, ao atravessar o vau. Para vencer a teimosia infernal, gizou o santo uma ponte de custosa e imponente fábrica. Os materiais acudiram miraculosamente: penedos, que nem quatro singeis de bois moviam, vinham com inteligência, «por seu pé», empilhar-se nos pilares; os touros bravos do Marão ofereciam-se á canga, mansos como borrêgos; os peixes saltavam das rincolheiras para as caçarolas dos obreiros, e a rocha viva desentranhava-se em jôrros de vinho e agua saborosa para refrigério de todos.

Ao fim de curto espaço, estava lançada sobre as duas margens a ponte de maravilhosa

indústria e o Diabo não afogava mais as benditas criaturas. E assim se fundou uma vila de contemplativos, de gostosos serôdios do amor — transfugas do largo mundo que para o santinho corriam. E, prevalecendo a fama de casamenteiro em Gonçalo, ali se rendia, em procissão, a gente de duas provincias, com as virgens cujo seio começava a pojar, os rapazões ciosos, as velhas solteironas e viuvas, doridas da soledade. E, entre hinos místicos, cantavam:

Meu Sam Gonçalo da azenha,
Casais-me ou não me casais?
Quem puder que se contenha,
Cá por mim não posso mais...

....

Quando os anjos vieram buscar a Gonçalo para a metropole da glória inefável, morreram as flores, todas elas imarcessíveis contra geadas e sois naqueles campos em redondo. Mas outras abriram sobre a campa do justo, transplantadas — dizem uns — pelos mensageiros do céu, — opinam outros — pelas mãos das mulheres que, mercê de Gonçalo, iam dobando a meada dum amor venturoso e derradeiro.

SOMBRAS

Passa uma sombra, que se desvanece...
Logo outra avança rapida e fluctua...
A' luz do sol ou ao palor da lua,
Se uma sombra se apaga, outra aparece.

No caminho da vida que alvorece
Ou quando a mocidade já recua,
Numa floresta ou numa estrada nua,
Surge sempre uma sombra, que estremece...

Sombras?... Eu tambem sigo a que me enleva
E me acompanha — misterioso apêlo
Sigo-a se é dia claro e em plena treva...

Mas a sombra tem vulto?... Deve tel-o.
Meu olhar assustado não se eleva...
Tenho medo?... Não sei. Não quero vel-o.

MARIA DE CARVALHO

IRONIA DO AMOR

Dizes que me não amas? — Fantasia!
Pois tu não vês que eu sei compreender
todo o ciume que te faz sofrer
e que me fortalece a ironia!?...

Que me não amas, dizes? Sou mulher
e o amor ensina-me a magia.
Eu sei que voltarás a mim um dia
embora lutes para me esquecer!

Já me não queres? — Repara como mentes!...
Como se eu não soubesse o mal que sentes,
ou como se eu não visse a tua dor.

Odeias-me, não é? Ainda bem!...
— Quando, depois de amar, se odeia alguem
vive no ódio muito mais amor.

BEATRIZ DELGADO

MILY POSSOZ
DESENHO

A VOZ DA SPHINGE Á BESTA TRIUNFANTE

O primeiro raio de sol que saltou da cordilheira arabica bateu de chapa na face magestosa de Aboul-Hol — o pai do Terror, o monstro de cabeça humana emergido das areias do deserto, fixando o olhar unico, de pedra, no Levante — o colosso — guarda inamovivel do Sol nascente, cuja edade se perde nos perdidos tempos que antepassaram a do primeiro pharaó — a Sphinge.

E mal o sol do Oriente poisára, em beijos imaculados, na melancolia daquela face divina, um echo infernal de fanfárras, acompanhando gritos roucos de bebedos e prostitutas em bachanal imensa, que abarcava todo o Ocidente, chegou, em ondas tintas de ouro e sangue, ás garras de lião daquele corpo fantastico, subindo á brancura estranha do seu rosto de aparente imobilidade eterna...

Foi como se a areia se tivesse erguido toda e tentasse afrontar a cabeça que, até ahi, não deixára de dominar todas as irreverencias ciclopicas dos ventos do deserto! Parece que o colosso faz um esforço sobre o templo que guarda entre as patas, e a cabeça coroada de raios de ouro tópa a curva azul das estrelas!

A sua sombra espalha-se sobre o Ocidente e um frio de morte alastra no horizonte escurecido...

O écho imenso das fanfárras, acompanhando gritos roucos de bebedos e prostitutas, não cessava na ameaça de cobrir, como se fôra toda a areia do deserto erguida pelos ventos, a brancura estranha, simultaneamente impetuosa e serena, daquele rosto de aparente imobilidade eterna...

Mas a cabeça da Sphinge atingira o resplendôr do proprio Deus infamado

de luz e erguera a face aberta num sorriso grave, misto de tristeza, consolação e misterio.

Turvou-se o céo de nevoa adelgaçada, que parecia a respiração do simbolo formidavel da Sabedoria antiga e o proprio sol pareceu atento, retraindo á luz sob as fulgurações do Espirito divino.

E então uma voz, a voz da Sphinge, o Verbo vivo do Deus insondavel, ressoou na vastidão terrivel do deserto imovel:

«Esforço vão do vosso orgulho, por tão efémero triunfo, ó filhos d'Irshou!

Mais de vinte seculos antes de Moisés eu disse ao vosso antepassado, miseravel agente da ruina da paz social, que vivêra sobre a terra mais de trinta e seis seculos depois de Ram...

Atendei bem o que eu lhe disse:

Profundamente deseguaes na inteligencia e na vontade, a maior parte dos homens desconhecerá as verdades, que não poder atingir, e que tu puséres ao dispor da opinião e das paixões publicas. Só perceberá como verdadeiras, as aparencias que a Sensação ou o Sentimento lhes oferecerem á razão, tornando-se em joguete dos fenomenos...

Abaixo dessa categoria de homens racionaes, um numero ainda maior confundirá infalivelmente a Natureza Celeste com a Natureza Terrestre; tomará o efeito pela causa e perder-se-ha num materialismo irreal e sem fundamento.

Para os primeiros, a Vontade arbitraria ha-de dividir-se incessantemente contra si propria.

Para os outros, reaparecerá inteiro, o instincto original e selvagem do homem terrestre.

Levarão assim uns aos outros á perdição, começando pelo assalto á ordem social e intelectual, unica que os podia manter em paz; e sobre as suas ruinas hão-de devorar-se, em vão, á porfia de um Poder impotente, sem Auctoridade para o esclarecer.

Cautela!

Bem sabes, por tua propria familia, quanto é dificil a Paz onde podem ter curso o ciume e a ambição...

O passado não conterá o presente, e o futuro tornar-se-ha o desconhecido e o imprevisto... Porque, em vez de se determinarem os acontecimentos, em vez de se dirigir scientificamente o curso das causas sociaes e individuaes, ha-de ser-se cada vez mais um boneco dessas causas, graças á ignorancia e ao rompimento da Unidade do Conhecimento e da Vida.

O efémero pensante duvidará que o Universo seja um Ser vivo e inteligente, o Ser dos seres.

A Terra será para si apenas uma maquina que gera, sem se saber como, a Vida para a Morte, uma materia bruta donde saem e onde tornam a entrar atomos unicamente expostos a Forças brutaes.

A biologia deste Globo já não virá do Universo; já não procederá divinamente de cima para baixo, nem dos Principios, mas materialmente de baixo para cima e das Origens.

E desta forma todas as noções, alumiadas por um clarão fantastico, infernal, virão, não das cumiadas celestes da Inteligencia, mas do abismo demoniaco dos Instinctos.

O Pai imediato da Vida humana será o macaco das florestas; o Pai de toda a Vida deste mundo será o infusorio reptiforme; a Mãe será o visco do mar, a lama da Terra.

E a cadeia dos seres erguendo-se até ao homem, retê-lo-ha captivo na animalidade, alienado do proprio espirito, prisioneiro da Materia, esboço incomprehensivel a ela mesma, monstro meio pensante sob a excitação das cousas visiveis, idiota sem elas e fóra delas, perfectivel dirão, mas incapaz de amar e comprehender a Perfeição.

....

«Em nenhum dos ciclos que sucederam ao schisma infernal do vosso antepassado, ó filhos d'Irshou, chegou tão longe a verdade do que eu lhe disse, como naquele que segue á venda do Templo de Jesus. Nunca o Ocidente, depois de supôr ter esmagado a cabeça e o coração do Deus Social pelo dominio sangrento do Arbitrario, da Anarquia de Governo e do poder Pessoal, atingiu como agora o delirio febril da animalidade, correndo, como Besta tomada pelas labarêdas do instincto, ao acaso de todas as fatalidades.

Eu dissera ao teu negro antepassado:

Eles jamais comprehenderão a Liberdade no sentido fisiologico e são dos nossos Principios, em que o bem de cada um resulta do bem de Todos e do Soberano Bem.

Nunca, como agora, esta Verdade não ouvida, se impôz tanto, pela vastidão e profundeza das consequencias desesperadas!

Bêbeda de sangue, de luxuria e de rapina, ó Besta do Ocidente, galopas em correria louca sobre a miseria que cavaste, fazendo a dissociação do Estado Social. E não tens um instante de socego intimo, apezar do orgulho que espumas do teu falso e transitorio triunfo. Vivem todos os teus membros em guerra acêsa uns contra os outros; e essa doença é teu proprio carrasco, gosando incessantemente, diabolicamente, a dôr fatal que te enlouquece, na putrefacção lenta do teu corpo vivo. Em ti, *cada um procura o bem no mal comum* .. Cada um contra todos e todos contra um!

Tendo descido aos seios mais densos e profundos da Materia, poderias ter presentido a voz da Sabedoria na alma das Sciencias, no misterio dos Fenomenos, e pelas Sciencias ter retomado o cimo do abismo a que resvalaste, ó ambiciosa insensata!

Mas das Sciencias só colheste o que mais superficial na crôsta da materia te servia, imediatamente, o egoismo animal, o instincto primitivo.

Nunca viste nas Sciencias a utilidade Social, o espirito de Deus a sorrir ao bem de Todos, que é o bem de cada um, e, chispando Vaidade, Luxuria, Avareza, Inveja, sem fé nem lei nem costumes, encontraste nas Sciencias apenas o motivo do teu Orgulho, e elas só têm servido para abrires, cada vez mais fundo, a garganta sinistra que separa a miseria da opulencia.

Esqueceste-te que o Ceo reinou sobre a Terra...

Armada com as Sciencias sem utilidade humana, dividiste, destruiste, negaste. Na negação nunca encontrarás repouzo...

E' noite dentro de ti, ó Besta triunfante; e nessa noite tudo abafa e geme ao peso da ignorancia, da iniquidade, da escravidão, da ruina geral.

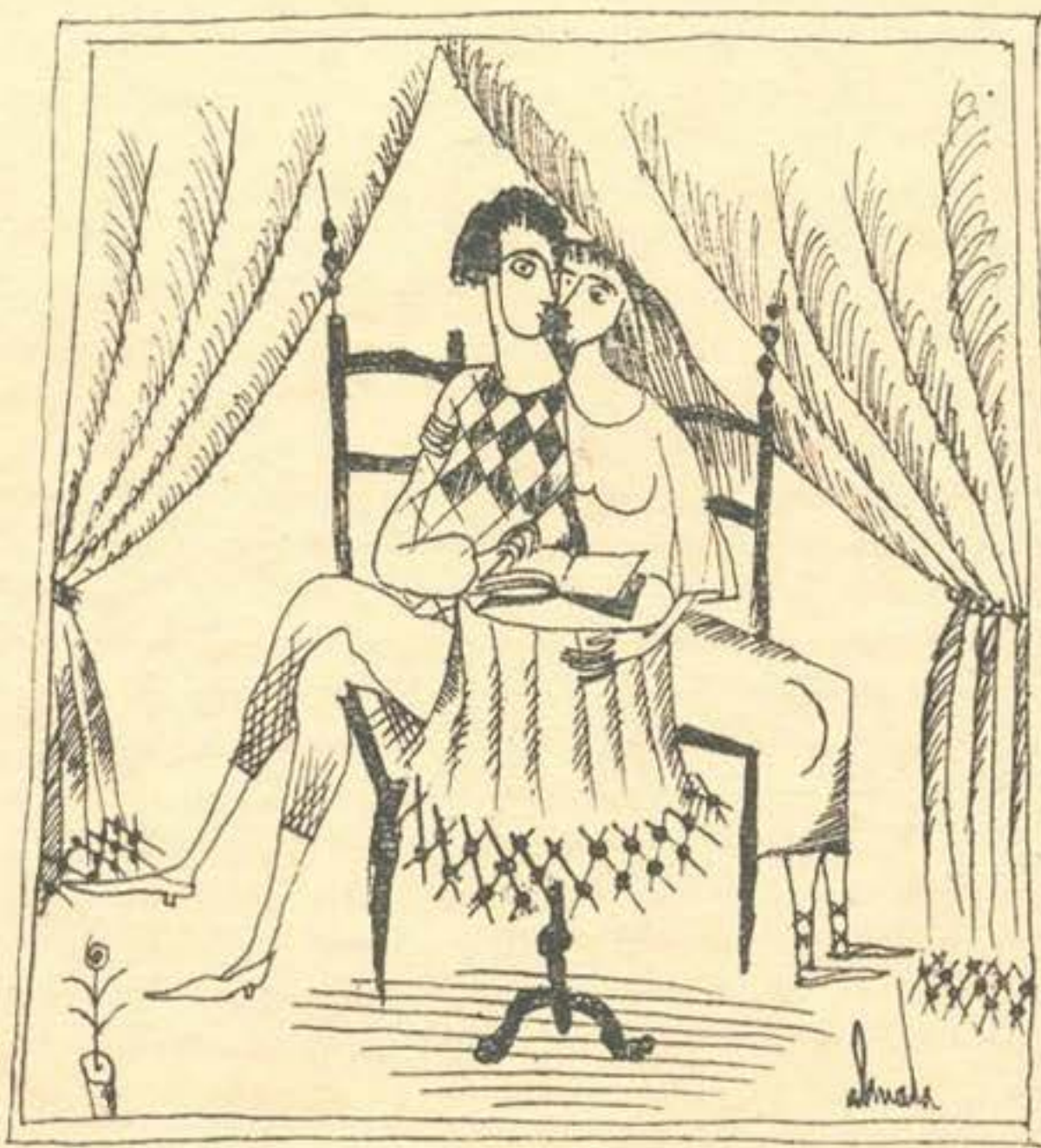
Sabedoria, Justiça, Economia — O reino de Deus — Palavras sem sentido. És o Inferno.

Os teus actos hão-de julgar-te em breve, porque são filhos da *tua* liberdade. Se a tua vida é peor que a morte, porque é o Inferno, a ti propria o deves.

Ha oito anos que soou a hora do teu julgamento. Mas não percebeste; e o cheiro do sangue ainda te fez mais egoista, mais feroz, mais orgulhosa da tua animalidade. E ergueste na noite sempre mais escura, sobre a mortalha esfarrapada com que envolveste a miseria dos vivos e dos mortos, uma montanha de ouro›

como couraça dos teus dominios condenados, contra a luz do Oriente, suave e meiga; luz da Sabedoria Antiga, genio das renascenças; luz da Justiça e da Economia; luz da Paz e da Ordem Universal; luz que restabelecerá, iluminando o Pensamento, a lei da harmonia das Sociedades; luz do Deus Social; a luz da Vida. Cega, surda, concentrada nas mandibulas, repisada nos calores fumegantes que estrugem escarneo preverso sob a tua montanha de ouro, não ouves a minha voz... não vês, não sentes, o clarão que enrubesce o Oriente...»

Retomou a Sphinge a magestade serena do deserto. O sol brilhou em todo o esplendor, espargindo egualmente a luz em todos os horizontes... E continuava a ouvir-se o echo infernal das fanfárras, acompanhando gritos roucos de bebedos e prostitutas, na bachanal imensa que fazia estrebuchar o Ocidente, e parecia o echo horrivel das agonias de um hospital de doidos...

CARLOS BABO.

ALMADA
DESENHO
(da coleção "Arlequim")

EDADE DA FEBRE

POR AUGUSTO FERREIRA GOMES

NOITE alta, vendo malabarismos hystericos nas grandes lampadas electricas da Avenida, elle fôra caír molemente num desses clubes nocturnos de dynamica postiça, onde os frequentadores teem ilusões de movimento e luz, mas onde quasi todos param sombriamente por falta de força moral, num báque para dentro d'elles proprios, estagnadamente, viscosamente...

Era a primeira vez. Ia ás apalpadelas, tacteante como quem vae por uma rua desconhecida, horas mortas, sem candieiros pelos rincões torvos, receando a cada passo sombras peganhentas encastoadas pelas esquinas sinistras, evocadoras de treva e maleficio...

Era a primeira vez. Tinha-lhe dito, na pensão, um companheiro de mesa, olheirento e tresnoitado, que os clubes nocturnos eram o unico refugio para os grandes sonhadores... Devia ser verdade, pois o tal hospede era pessoa dada a requintes de vestuario e fumava cigarros caros...

Zenia no clube um «fox-trot» complicado, gentilico, numa sarabanda de gritos forçados e espasmos adolescentes de vicios contraídos... Chocou o aquele ar riscado de corpos e perfumes, bocas esbraseadas e olheiras de bistre; abriu muito os olhos provincianos ao contacto irritante da luz entornada assim por toda a parte... Nunca na sua terra — lá para o fundo Alemtejo dos sobreiros rubros e searas fulvas — elle pensara que, houvesse no seu paiz, uma feérica tão febril, tão alucinadamente brilhante...

O «jazz-band» tentava inutilmente dar febre áquela anemia cada vez mais palida; tudo era vesgo, falso, numa inconsciencia esverdeada... A propria orchestra tinha sons macabros, e a luz cansada pelo fumo dos cigarros era um amuleto da noite a conjurar bruxedos...

O «fox-trot», barbaramente, gritava vermelhusco nas casacas dos musicos; pelo centro da sala iam corpos espiralando girasois viciosos, frementes, e ás vezes, passavam cinematograficamente rostos palidos de condemnados á roda, em Inquisições hirtas de passados tempos...

Acanhado sentara-se a uma meza; e emquanto esperava que lhe servissem a ceia, ia rememorando as horas lassas da sua vida de estudante pobre, vindo para Lisboa com a pequena mesada dos tios carinhosos que o queriam vêr formado á força — fosse no que fosse... Corriam-lhe, pela memoria, as noites de clausura na pensão triste das velhas Bernardas, quando a insomnia o mordia na tragedia macerada do seu isolamento...

Olhou muitas vezes em roda. Mirou tambem discretamente, o fato novo, o polimento das botas...

Como tudo aquilo era differente! Que contraste existia entre aquelas mulheres perfumadas, sensuaes, e as outras — as que elle conhecia furtivamente nas ruellas tropegas, as unicas que lhe tinham dado o contacto barato dos corpos lassos e o riso viscoso dos labios besuntados em vermelhão plebeu...

Toda a sua vida lhe escorregava agora, pela memoria; lembrou-se da inveja que até então lhe escavacara a alma, quando reparava nas pessoas bem vestidas; viu-se com a andaina réles de estudante pifio; botas cambadas, collarinhos velhos... Depois o esforço para acabar o curso; as cargas de agua, caminho das aulas — sem sobretudo...

Por trez vezes, emquanto ceava, revistou n'um apalpão nervoso, a algibeira, para se certificar que ainda lá estavam, aninhadas, as notas novas que os tios generosos lhe tinham mandado em recompensa do curso concluido.

Lentamente, saboreando, bebeu vinho. Longe fosse toda a sombra passada das suas miserias e vergonhas, que elle já se sentia installado na vida, cheio de certeza nos triumphos proximos...

— Dá-me licença que eu ceie á sua meza?... Não ha mezas vazias... — perguntou-lhe uma loira esguia, de olhos verdes, cabeça de Angora e labios em brasa.

— Ora essa... Faça favor... Muita honra... — disse-lhe enleado.

Ella sentou-se. Com arrebiques nos beiços, mandou vir a ceia. Depois olhou-o muito nos olhos, teve um gesto liquido ageitando um caracol na testa e perguntou-lhe:

— Sou muito massadora, não acha?...

Elle deu um compasso de silencio; escolheu á pressa uma resposta, e, como não gostasse de nenhuma, contentou-se sorrindo. Ella continuou:

— Sabe; eu só venho aos clubes para me tentar divertir; para vêr se consigo esquecer os meus desgostos... E ficou depois a olhal-o mais, n'uma attitude esquecida de tragedia...

A luz, cada vez mais suja pelo fumo dos tabacos, parecia receosa, como alguns pares do ultimo «tango», ennovellados quaes bandeiras de barraca de feira, em tardes chuvosas e cinzentas... A approximação da manhã punha dedadas de mêdo nos rostos cansados de todas aquellas larvas da noite...

. . . .

— Não calcula como eu tenho soffrido — continuou ella — como a minha vida tem sido arrastada, desde creança. Não com faltas de dinheiros, felizmente; mas com desgostos sobre desgostos... Não calcula, não calcula...

Cheio de attenção, elle, olhava-a. Nunca tinha visto assim de perto, na intimidade de uma conversa, uma mulher bonita, bem vestida. Julgou-a

actriz, mulher moderna que ia aos clubes para matar o tempo. Mais uma vez verificou se as notas continuavam na algibeira; e certo d'isso, passou-lhe pela cabeça, a medo — não fosse fazer asneira — pagar-lhe a ceia, que ella agora acabava com a nota bizarra de um licor verde.

Havia muito que a musica parára. As horas tinham escorregado, nervosas como vermes sobre carcassas de pedintes mortos. Já estava pouca gente, e a essa ultima pazada de noctivagos iam caindo as mascaras. Um rapaz novo, ao fundo, cambaleante e suado tentava arrastar pelo braço uma rapariga gorda e desageitada... Houve questão... Um outro vindo das salas de jogo fez-lhe um signal. O primeiro, entre bordos, chamou-lhe «cabra» e os outros dois escoaram-se rapidos, n'um receio livido de que a luz do dia os fosse surprehender taes quaes eram — larvas viscosas fugidas ao casulo da treva...

A Noite rondava ainda nas ruas, serena como um guarda de carcere, vigilante como as estatuas mudas nos largos desertos, quando os dois sairam; elle devagar, ella querendo andar depressa para fugir ao dia. Elle offerecera-lhe companhia até á porta de casa, não a fossem insultar — porque havia gente capaz de tudo — e áquella hora era preciso cuidado, muito cuidado...

Passavam trens de praça e automoveis levando dentro corpos espapaçados roncando sensualidades e champanhes... Dormia ainda a gente do trabalho, os que se levantam chamados pela sineta doirada do sol menino. A cidade tinha um tom triste de convalescente e pelas esquinas das ruas sombrias vinha das bandas do Tejo um bafo nervoso de maresia.

— Tudo por causa da sua familia? arriscou elle, para dizer alguma coisa.

— Tudo. Sempre por causa da minha familia. Se minha mãe soubesse que eu ia aos clubes, que perdia as noites... Nem em tal quero pensar...

— Mas como entra em casa?...

— Eu tenho a chave — disse confidencial — e o meu quarto fica distante do de minha mãe. E' o que me vale...

— Ah! Comprehendo...

....

Cuidado... Pouca bulha... Não deixe cair as botas... Crédo!... Se minha mãe sentisse...

....

Quando acordou, a manhã punha laivos esbranquiçados de opala nas cortinas da alcova, cambaleante aos seus olhos cansados e nervosos... A seu lado estava ella tranquilla, com o oiro dos cabellos a correr-lhe pelos hombros em catadupas quentes...

Sentiu, n'aquelle aconchego desconhecido, tepido, toda a sua base de homem triumphador; viveu uns instantes a eterna continuidade d'esses momentos postiços, mas que elle considerava, no seu sonho, a deslisar, fluidos como azeite derramado...

Tinha finalmente uma amante! Com um curso feito entrava assim na vida, de braço dado com aquella loira cálida, d'olhos perturbadores e beijos de sanguesuga; via o caminho traçado, fertil de victorias e honrarias, olhado com inveja quando atravessasse o Chiado levando ao lado, perturbante, aquella falsa-magra de seios pequeninos e ancas ondulantes...

Havia de impor-se á mãe; fazer vêr que estava disposto a salvar-lhe a filha; a não consentir que ella tornasse a perder noites. Porque tudo aquillo era neurasthenia, desgostos de familia, e era preciso atalhar a tempo essa maldicta doença que muitas vezes leva uma mulher á perdição...

Assim pensando, traçou o programma: — ia levantar-se devagarinho — não fosse ella acordar — e comprar-lhe-hia uma uma joia interessante que a seguir, alvoroçadamente, viria trazer-lhe n'uma espera de beijos quentes em justa recompensa...

Seria sua amante, e até se ella tivesse juizo e se a vida fosse para elle — como esperava — uma maré cheia de decididos passos, talvez um dia casasse com ella, isto por causa dos outros, do mundo...

Quem mirasse de cima, olhando o fundo da escada, não conseguia ver, em baixo — o patamar; havia penetrado pela claraboia um tom vago de agua barrenta, como n'um annuncio discreto de um dia ennevoado e pardacento, tão pardacento como aquelle cheiro pertinaz a sabão de amendoa e a choloreto que nascia para o fim dos degraos biliosos e encardidos...

Viera muito devagar, nos bicos dos pés — não accordasse a mãe — tremulo de alegria, nervoso, e com a ideia fixa de pôr em pratica o plano traçado...

E mal se tinha sentado cautelosamente, no primeiro degrao, para calçar as botas, quando a porta se reabriu de chófre, e, em camisa, com um seio a romper-lhe, doirado, ella lhe atirou, dolorosa, esta phrase:

— Então, não deixa ficar nada para o almoço?...

SATYRION

POEMA INICIAL

PERSONAS

EL SÁTIRO JOVEN.—EL POETA.—LOS SATIROS.—LAS NINFAS.—VENUS

En el bosque sonoro de misterio
como un caracol al oído,
el sátiro joven sonríe
en la luz, asombrada del alba.

Duerme en medio del bosque lo mismo
que un antílope joven y ágil
y sus ojos, de ardientes, parecen
abiertos, estando cerrados.

Su boca, la boca que Venus
le trajo de arriba, es un fruto
escarchado de gracia y de púrpura.

Dorados de sol y de oro,
sus cabellos risa una brisa
y cogen sus manos de nácar
la siringa de adelfa.

Un disco de sol entre hojas
le acaricia la frente, los ojos,
le besa en la concha rosada
de la oreja. La luna sonríe,
desleída en azul, en el cielo.

Los chopos se miran sus hojas
y sus gráciles troncos de efebos
en la plata del agua lo mismo
que Narcisos gigantes desnudos.

EL SÁTIRO JOVEN, despertándose

Venus me hizo bello como el nardo,
rubio como la miel de las abejas,

tibio, blanco y suave como leche
recién salida de las ubres amplias.

Venus me hizo femenino y grácil
y mi padre, potente como Júpiter,
en mi carne inmortal púsome acero.

En el aire se aspira la fragancia
de frutos que maduran en los arboles.

Mis miembros tiemblan ante el sol que arde,
mi boca tiembla cuando la caricia
de la brisa penetra mi ancho pecho.
El olor de la rosa me enardece,
y el aliento del mar entre los pinos
me llena de inquietudes inextintas.

Hay un frémito loco en el ambiente.
Desde el Urano, Zeus vierte en la tierra
pólenes inmortales y fecundos.
El sol calienta como el tibio vaho
de la amada en el lecho venturoso.

EL POETA

¡Salve, Afrodita, diosa de lo Unico,
gloria, madre de todo, luna llena!
¡Siempre preñada y siempre dando frutos;
árbol del Universo, madre augusta!

Tus ojos claros iluminan de agua
cristalina mis versos inmortales.
¡Salve, Venus, venérea y venerada,
carro triunfal del orbe, madre augusta!

LAS NINFAS, en la distancia

Salve, Venus, venérea y venerada,
carro triunfal del orbe, madre augusta.

LOS SÁTIROS

Siempre preñada y siempre dando frutos...

¿Quién eres tú, desconocida madre,
que asi me enciendes de tu amor el alma,
como si lo que mueve mi existencia
fuera á romperse en deshojadas flores?

¿Quién eres tú, que me traspasas todo
de esta inquietud tan dulce y enervante,
que perfumas de menta las colinas
verdes donde mis sueños se dilatan?

¿Quién eres tú, que pones encendidos
los labios rojos y los ojos dulces
y haces cantar el coro de las ninfas
en la mañana fresca y luminosa?

Venus, desde la orilla del arroyo
en que las canas se hacen musicales,
donde los adelfares se derrumban
como brazos de carne femenina;
Venus, desde la orilla del arroyo,
deja entrever uns muslos de alabastro,
y sus pechos de lotos y de nácares.
El sátiro extremece la pelusa
dorada de su cuerpo femenino.
Venus rie en la orilla del arroyo
llena de todos los misterios juntos.
Sus pechos son las lunas que han pasado
perfumando los coitos con su plata.
Su vientre es la enervante laxitud
que llenó tantos vasos de ambrosia...
Entre sus muslos siempre deseosos
se besaron las ninfas y los sátiros
sobre la tierra abierta y palpitante.

VENUS

Ven a mi, que mis brazos son los tuyos,
que mi boca es tu boca, que en mi pecho
cantan todos los pájaros del bosque
y en mi aliento derraman sus aromas
todas las flores de esta primavera.

Ven a mi, esposo mio, que el glorioso

vientre que te retuvo nueve lunas
abre sus puertas para ti otra vez.

Venus se hundió en el agua temblorosa.

EL SÁTIRO JOVEN

¿Eres tú, Diosa mia, esposa mia,
madre mia y mujer? ¿Es tu mirada
la que siento en mi boca como un beso?
¿Eres tú, Diosa mia, Diosa mia?...

(¿Un temblor, un suspiro ó un esposino?)

EL POETA

Gea, divina Gea, tú has cogido
la primer libación... sagrada seas,
Gea, divina Gea creadora.

a Venus

Prosternado ante ti, Sagrada, bésame
y de tus rosas lléname mis versos;
haz que tu soplo inflame mis estrofas
y que por ti, cual mármoles incólumes,
queden mis ramos de laurel sagrados.

¡Salve, Venus, venérea y venerada,
carro triunfal del orbe, madre augusta!...

LAS NINFAS, muy lejanas

¡Salve, Venus, venérea y venerada,
carro triunfal del orbe, madre augusta!

ROGELIO BUENDIA

PURPURA

A Mulher estava cercada de purpura, na sua cabeça escrita a palavra — Misterio — e o Anjo me disse: Eu te direi o Misterio da Mulher...

— «*Apocalipse de* João Apostolo» —

M purpura, o seu trono de rainha, a encosta de pâmpanos que vinha do palacio até ao mar.

Rubros, o ceu embrulhado de nevoas, o rio, as pilastras do mirante e eu proprio, debruçado e ávido a beber a luz d'aquela apoteóse de forja...

Na sombra, o vulto d'Ela e a minha alma a beijar-lhe os dedos, porque tinham sido dedos as suas palavras, dedos de enfermeira, ágeis em curar.

Estavamos cansados, vieramos de longe, de nós mesmos, d'esse Além mais distante que o além-céu que a tarde vestia em véus de jacinto e distancia...

Vieramos das nossas almas; romaria estranha, veredas com erva crescida, a cada passo a ideia d'um arbusto que fôra; vieramos d'onde se não volta porque a estrada vem connosco.

Tinhamos ido pela nossa angustia e tão iguais eram os nossos caminhos que parecia indiferente seguir um qualquer, e não ficariamos admirados encontrando vestigios individuais na vereda alheia...

Ela sofria comigo o mal de Beleza, da Beleza que se advinha e não se encontra. Isso que nos tenta como o som da voz d'uma boca invisivel.

A nossa dôr era como a do Outono, universal e abstracta; tomára posse de nós como a purpura invadira a paisagem. Nenhum de nós soube porque era triste ou porque sentiu necessidade de caminhar no Passado. Nenhum de nós teve pena do que vivera. Nada nos lembrou que merecesse tornar a viver exactamente ..

Achámos necessaria ao nosso quadro a tinta da saudade e era portanto nas imagens de outrora, sumidas pelo Tempo e desbotadas pela palavra, que podiamos achar a côr precisa para realisar na tela presente um conjunto harmonico de melancolia.

As horas idas, vistas de longe, eram a Purpura e o Ouro velho do nosso poente, e, como o sol, eramos tambem infinitamente mais ricos no ocaso.

A nossa dôr não podia recordar beijos mas sim a graça morta por eles.

Não podia chamar ninguem pelo seu nome, resuscitava apenas o minuto d'extase que por intermedio de alguem désse nome a qualquer sensação.

Recordámos para vir de longe, para conseguirmos em nossas almas o espirito religioso de sacrificadores no ritual da Purpura. Não queriamos ser alheios à obra do Outono — **destruir magnificamente**...

Francisca de Ayre vivia só e doente no solar de Espadeiros.

Eu falava-lhe sempre nos escombros fidalgos do mirante, ruivo de musgos e nobre de mármores desconjuntados. O scenario convinha á beleza d'Ela e eu assimilava bem na minha arte pagã, a sua figura dolorosa e curva, a ruina macilenta dos mármores e o ouro desbotado das vinhas que desciam até ao mar.

Quando a olhava de longe n'aquela moldura saudosa de pedras antigas e folhas mortas, achava no meu espirito o têma ideal e maravilhoso d'um Gobelin inédito...

A nobresa triste e a doença destruiam n'Ela tão perfeitamente a ideia habitual da mulher, que eu a sentia apenas um reflexo do meu proprio sonho de Beleza, completando pela Forma e pela palavra, uma graça de conjunto intangida e plena...

E tão completamente a minha Arte conseguiu vivel-A em Forma, em Atitude e em Colorido que pude humanisar no seu vulto esplêndido e debil, a Beleza eterna do Escombro, a voz evocadora do passado.

A mulher espiritualisou-se no meu cerebro emprestando fórma à minha ideia. Foi para mim a melancolia ingénita, «isso» que entristece, o que sentimos e não ouvimos nunca nas ruinas heraldicas dos palacios velhos...

Francisca não foi para mim o ser de tristeza assistindo comigo e comungando no paroxismo da côr a morte da seiva; foi ela propria a Forma tangivel da saudade universal, a carne e o espirito da agonia do Outono...

As palavras e os silencios d'Ela falavam-me a lingua morta da Arte, melhorada de Tempo e Ruina... O seu vulto em sedas moles e perfumes cálidos dizia-me o que debalde procurei ouvir aos mestres da Palavra.

O meu velho capricho de soltar o espirito d'um artista moderno na Helada Pagã para ficar a vel-o afastar-se vagarosamente em romaria de estranheza, n'um labirinto de estatuas mutiladas e tumulos de belezas mortas, realisei-o com Ela, contando-lhe as impressões dos meus dias e sentindo-a atravessar, comovida, a minha memoria.

Tão dolorosamente soube ouvir-me que vi a sua alma arrastar-se pela minha vida, como um peregrino a subir a Escada Santa...

E fomos dois — **a Voz e a Lagrima a caminhar no Tempo...**

A Eleita foi na minha alma a minha Hora Esplêndida, o meu Outono rubro, o meu Verão dos Mortos.

Atravez da sua Graça dourei a minha cinza e vi vestidas de purpura e oiro as horas de ontem.

Tudo o que era em mim penumbra algente, reflexo opalico de luar em pedras, transformou-se, dourou-se no sacro convivio em Niagaras opulentos de oiro ruivo.

N'uma tarde hebréa, tarde de veus longos e nuvens em cabelo, eram mais rubras as vinhas e mais fulvo o poente. A moldura de pedras antigas, a balaustrada do mirante, verde de musgos, doirava-se em milagres de côr e opulencias de sacrario velho.

Pelo quarto d'Ela entrava o sol em poeira rubra, cinzelava os crisantemos do jarro azul e mentia uma mentira de sangue nas suas mãos diáfanas...

Mentia porque no leito sobre almofadas, a minha quasi morta ia morrer em oiro.

Branca, muito branca, da côr dos lirios vivos!

Loira, muito loira, da côr das vinhas mortas, Ela, a minha Hora Esplêndida ia morrer com o sol!...

E o sol cauteloso e fidalgo entrava de mansinho pela janela a dourar-lhe o leito.

Francisca viu-o, viu-me e olhou-nos a ambos a sorrir com grandes olhos de despedida. N'um esforço quiz erguer-se. O cabelo desmanchando-se serpeou nas almofadas. Um laivo de sangue apunhalou-lhe o riso...

Ouro e Purpura — o Outono matando magnificamente...

Voltou novembro e eu fui com a minha alma para além das vinhas, para o chão arido que o mar envenena e o vento enruga em dunas brancas.

Levei comigo a minha alma. Iamos evocar a morta, continuar atravez do éter a conversa do Tempo...

A saudade foi comnosco, acompanhou-nos n'um vôo d'azas lentas, n'um vôo d'aguia velha que volta á serra antiga...

Evocámos a morta. Chamámos por Ela e não veio.

O dia vinha perto, as cotovias cantavam no ar a advinhar a luz. Andorinhas preavam rente dos juncos as falenas da noite. Morcegos moles voltavam em carreira dubia aos rochedos do farol...

Evocámos a Morta e como não viesse, a saudade, a aguia velha, quiz ver a pedra onde nascera...

Na serra antiga tinham crescido pinheiros. A aguia pairou e não viu a pedra. Comtudo, algures, na serra devia ser essa pedra que se não via. E foi voando, voando, o seu vôo trôpego de nervos lassos...

Roçou as cristas verdes a indagar os cumes, desceu algares a perguntar abismos; e a pedra não se via...

N'um vôo mais cansado voltou ao pé de mim e disse á minha alma: — Tu não ouves a Morta e eu não vejo a Pedra. Temos de ir ambos evocar a Morta e procurar a Pedra... E eu disse: — Ide... Ella porém contrariou:

— Espera, iremos logo, quando o sol tingir de sangue os pinheiros e a serra arder em niagáras de oiro. Porque foi assim que a ouviste e eu guardei-A assim. Só podes ouvir a Morta quando eu vir a Pedra. Quem sabe se a voz da Morta estará escrita na Pedra...

Horas longas de espera, horas longas e lassas escorregando pelo ceu como um verme cauteloso a descer um pómo.

Era o tempo sem azas, o tempo dos que sofrem, o tempo a gotejar tedio na clepsidra da Hora...

Horas longas de espera. A minh'alma a perguntar ao éter onde estava a Morta, a Saudade a perguntar á rocha onde estava a Pedra...

Horas longas e lassas... Ardeu emfim a labareda crástina.

A Aguia viu a pedra e elevou-se. Eu ouvi a Morta e desci.

A Pedra tinha escrita a palavra: — « Sempre ». A Morta dissera-me: — « Ontem ».

A Aguia rejuvenescida no primeiro vôo da eterna elipse, roçou-me com as azas.

A Morta émudecendo ungiu-me de amargura. Por isso, do meu Eu, da minha memoria e da saudade d'Ela, formei a trilogia dolorosa da minha Arte, e desde então, a minha voz foi **para Sempre — a voz de Ontem...**

Bela Vista — Montanhoso 1918.

CASTELLO DE MORAES

TERREMOTO

POR FORTUNATO VELEZ

O meu "chateau" burguês, ei-lo assombrado!
—Traves partidas que já foram tetos—
E a linda arquitectura, os angulos rectos,
Colunas, capiteis, tudo quebrado!

Fugiu de lá, de bibe esfarrapado,
Certo loiro bébé d'olhos inquietos!
E o velho cão—terror dos indiscretos—
Quando o portão caíu, ficou esmagado!

A taça de cristal que eu levantava
Caíu de vez. Na cruz a que eu rezava
Já não tem braços nem cabeça o Cristo!

Ortigas bravas em locais impuros,
Palavras obscenas pelos muros,
E eu, inda de pé, a olhar p'ra isto...

VASQUEZ DIAZ
"MOTIVO BASCO"

PARA O TUMULO DE AFONSO DE BRAGANÇA

Francisco de Lacerda

O DIALOGO DOS MARMORES

PRIMEIRO MARMORE. — Arrancaram-me ao peito da montanha onde estive guardado mil anos. A pedra brotou fria e brutal, ardente e convulsa como a lava duma cratera.

SEGUNDO MARMORE. — Fui mais simples! Durante dois seculos, ouvi nas minhas veias o rumor das fontes subterraneas. Extrahiram-me com cuidado; eram mãos de homem que eram mãos de creança. A pedra jorrou fresca como uma platina brilhante, como leite correndo de seio de mulher divinizada virgem!

PRIMEIRO MARMORE. — Fui bloco, tão grande, que quatro dorsos de escravos deixaram no meu corpo betas de sangue.

SEGUNDO MARMORE. — Tive a inocencia das creanças; dez conchas não teriam o meu pezo...

PRIMEIRO MARMORE. — Levaram-me ao longo de estradas em fogo, num carro coberto de ramos de louro. Ia ser sagrado. Ia para a catedral. Dez povos trabalharam duas edades para a erguer. Ardiam lumes na planicie que tocava o mar...

SEGUNDO MARMORE. — A minha alma dei-a á mascara duma creança. Era num jardim, havia olhos enamorados que tinham lagrimas, porque muito se amavam. Almas feridas, encontravam no meu sorrizo, um sorrizo. Quanto choro estanquei! E era tão linda! Tão linda, a minha infancia!

PRIMEIRO MARMORE.—Desdenhei! As outras pedras tocadas pelo cinzel, estremeciam de sonho, se eram virgens; de sofrimento, se eram martyres; de graça, se arredondavam capiteis. Eu era sempre grande, e ao vêr as outras pedras, desfeitas, quebradas, o meu orgulho queria que no meu corpo esculpissem a cabeça tragica e divina de Proserpina.

SEGUNDO MARMORE.—Estava no jardim a ouvir chover, a ouvir chorar, a ouvir amar, as trez melodias que são as trez eucaristias da alma. Despertava quando as fontes tinham matinas na voz e as arvores eram discos de prata; flores enchiam-se de oiro,—colmeias embriagadas de mel—. Debaixo delas o aroma chovia e o vento perpassando nos ramos cheiinhos de flor, tinha o halito duma creança adormecida nos braços de Deus...

PRIMEIRO MARMORE.—Chegou a minha vez! Colonia já tinha a sua flecha. Cingiram-me dum manto; tive um escapulario; um colo,... nasceu uma mulher...

SEGUNDO MARMORE.—Mais uma mulher?

PRIMEIRO MARMORE—Que era virgem! Relembro o seu sorrizo. Não era dolorido, nem simples, nem cristão. Ouviste o vento galopando, soluçando, morrendo, nas harpas eolias? O canto da teorbe que no Adriatico calava o mar? Era assim a musica da sua boca, pregada no marmore como uma flôr!

SEGUNDO MARMORE — Depois quebraram-me. Foi gargula de fonte. Vi mendigos e cruzadas. Misturei com agua as minhas lagrimas doces. Corolas concebiam ao luar e, no ceu, infinitamente, boiavam estrelas, como meduzas radiadas num Atlantico profundo.

PRIMEIRO MARMORE — A catedral era enorme. Vi aos meus pés ajoelhadas grandezas de principes, triunfos abatidos de reis, exercitos cobertos com o sangue de sete guerras. E o meu sorrizo muzical e profundo enchia de volupias as naves. Não era uma virgem, a oração seria fria; era uma mulher, por isso me amavam, e a minha carne tinha carne de flores.

SEGUNDO MARMORE — Matei sedes de amor, sedes de caminho, sedes que vinham do deserto, sedes de ideal. As bocas beijavam a agua, bebendo-a. Fui tão simples, tão pequenino, tão encostado estava ao seio da terra, que ela estremecia á caricia da minha voz...

PRIMEIRO MARMORE — Fui alegria naquele rosto lactescente de mulher. Vieram os barbaros e lapidaram-me. E eu que tinha sempre sorrido, fui dôr nos braços dum crucificado. E entraram novamente os barbaros na catedral; esmigalharam-me. Muitos anos andei envolvido com o pó. Ressuscitei! Fui pedra de portico, noutra catedral, noutro paiz. Mas não perdi a minha grandeza. Vi perpassarem multidões ardentes, como rios de fogo, que rolaram das montanhas,

agitando pendões, bocas cremadas a uivarem coleras, braços despedaçados, disformes como raizes...

SEGUNDO MARMORE — E vieste parar aqui?!

PRIMEIRO MARMORE — Tambem tu! Conservo no meu rosto os últimos signaes de grandeza. Estou cheio de cinzas; tenho vinte seculos.

SEGUNDO MARMORE — Encontraram-me um coração gravado e nele a palavra Nihil; *arrancaram-me á fonte. A agua perdeu-se. Era a mais linda voz da montanha, tinha Deus nas palavras. Os peregrinos morrem, nas estradas ha sempre Lazaros, de noite, de dia, pelas neves, pelas chuvas...*

PRIMEIRO MARMORE — A minha grandeza vale a tua simplicidade. A tua simplicidade vale a minha grandeza. Dois destinos que o bronze trabalhou; duas vidas, uma que sonhou, a tua, outra que viu sonhar, a minha. Uma que se curvou perante a simplicidade das urzes do monte; outra que ergueu a cabeça e foi maior que imperadores e reis.

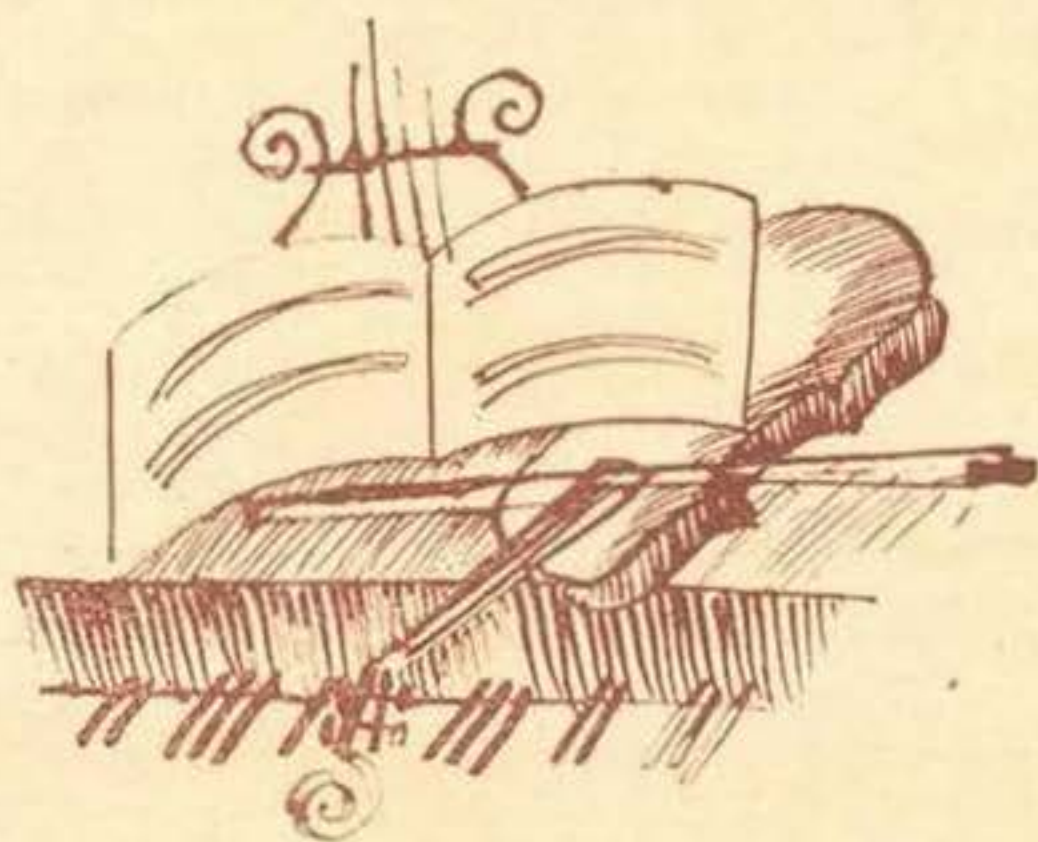
SEGUNDO MARMORE — Para quê? Para quê? Tenho um coração tactuado no peito; sou o mais forte.

PRIMEIRO MARMORE — Não tenho nada! Á minha volta o que foi grande, incinerou-o o tempo em polen de morte... Tão pequeninos somos, que mão de creança nos cobriria!

SEGUNDO MARMORE — E neste museu faz vento frio! Não vem ninguem! Nem oiço as fontes...

PRIMEIRO MARMORE — A realeza das estatuas é a mais fragil! Morre na pupila do artista que a creou!

ARTUR PORTELA

MUSICA

Claude Debussy, o arritmico, irmão de Samain, que soube pôr os sons em atitudes e deu corpo musical ás intenções de Maeterlinck, — foi entre nós revelado agóra pela primeira vez. Marius Gaillard, interpretando-o, dominou o silencio, toda a imperfeição, dominou tudo. Nunca aos nossos ouvidos o exotismo d'hoje teve tantos fóros de classico. O seculo compreendeu finalmente que estava dentro do seculo.

Marius François Gaillard tem, ou deve ter, vinte e dois anos. E eles, não se casando bem no orgulho do artista, levam-lhe a mocidade a constranger-se na linha rigorosa do perfil. E' quando os aplausos irrompem a sua costumada iconoclasia e dominam tudo, furiosamente. Marius pertence áquela sensibilidade que não compreende e se magôa no delirio africano das palmas.

Beethoven deixou na sua obra todos os sentimentos humanos. Hoje a humanidade não tem tempo de se analisar tão bem, assim com todos os detalhes; hoje a analise é feita de fóra para dentro, ao contrario d'aqueles tempos. Tanto faz ser-se de cárne como de trápos, o melhor de tudo é a aparencia. Pierrot, simbolo fim de seculo, *simplificou-se mais ainda, não quere simbolisar coisa nenhuma, perdeu até o proprio nome. Já se não sabe dêle entre todos os bonecos de engonços do nosso conhecimento. Os algarismos venceram a alma, o movimento dominou o espirito.*

Debussy fez, com traços e côres, um grande acontecimento infantil. Gradus ad parnassum, Serenade for the Doll, Little Sheperd, *são humanidades mal distinctas na tremenda alegria de viver.* Children's corner *que é afinal senão um profuso caixote de bonecos?*

A clair de lune, *da* Suite Bergamasque, *ilumina sob os nossos olhos uma paisagem como nem terá talvez a propria Escocia. Não ha equivocos d'amor nesses compassos. Ha flirt. Debussy, levando a raça atraz dele, encanta-se sem ilusões d'opio; basta-lhe a luz dos seus proprios olhos. O sonho nêle é gelado e o luar*, este *luar, uma preocupação egoista e fórte que Marius tocou ao piano com uma tecnica brilhante.*

Darius Milhaud, um musico atleta, teve duma vez Saudades do Brazil. *E como era, no dizer de Louis Vuillemin, um «genio evolutivo», esqueceu-se do seu proprio estilo e fez uma descrição do panorama carioca, com laivos de maxixe e de lundum. A sua imaginação póde dizer-se que nada acrescentou ás belezas que os seus olhos viram. Estas* Saudades, *em o nosso entender, não pertencem a um livro de impressões, antes a um livro de viagens, tirado do Baedecker.*

Ora os portuguezes, como é de tradição, são os maiorais da saudade. E saudades, entre portuguezes, só interessam as de Portugal, que se saiba.

Douze prèludes, *de Debussy, tocados quasi ininterruptamente, são outros tantos aspectos musicais diferentes, formando uma silva de côres e de intenções. Marius Gaillard salvou-lhes a belesa mas nem sempre lhes descobriu a caracteristica. Do qual modo resultou misturarem-se as côres, empalidecer a silva.*

Des pas sur la neige *recórda na memoria dos sentidos, sem que se saiba porquê, um conto de Bordeaux, — «Trois mots d'anglais».* Ce qui a vu le vent d'Ouest *é dum maravilhoso de conto de fadas, arrepiante á nossa interpretação infantil. Começa assim: — «Era uma vez...» E termina ás cabriólas, desassombradamente sobre nós.* La cathedrale engloutie *uma dôr vestida de rendilhado gótico, apenas. A catedral não existe, nunca existiu; quere dizer sonho, visão da altura, qualquer desejo humano levantado num soluço.*

Foram estes os preludios mais estilisados nos dedos de Marius François Gaillard.

Cabe dizer ainda, a proposito da noite do Politeama, que o ambiente musical não está creado em o nosso publico. O jacobinismo de muitos ofende a beatitude de ráros. A náve onde devia entoar-se o ditirambo das orquestras, psalmodiar a oratoria dos pianos, é avassalada de crentes e profanos, levantada numa absurda promiscuidade e intemperança. Falta o silencio, um silencio romanico, cristão, em arco de volta inteira. Assim, no templo sem arquitectura, póde notar-se a frequencia de emoções que se perdem, de continuidades solucionadas, de precipitados *do ar que se amontúam.*

No primeiro concerto Fão desta época, o sr. Gualdino Gomes, de perna cruzada, a um canto ignorado da geral, constatava ás 3 e meia da tarde, entre o barulho dum publico que pateava furiosamente a tardança e a ausencia dos musicos contractados a tanto por hora e por ensaio, ser tudo aquilo postiço, musicos e publico, uns mal ensaiados, «meia bola e força», outros preparando os ouvidos a si mesmos por aquele processo rudimentar dos pés. Com um «barulho desagradavel» reclamava-se um «barulho agradavel». E aí estava dum ao outro toda a diferenciação daquela tarde.

Rymsky, para escrever o Capricho Hespanhol, *teve que sair fóra da sua raça. Quando se ouve esta pagina tão cheia de requinte, tão bem feita, parece termos Korsakow ali tambem a nosso lado, como ouvidor. O Russo não escreveu aquilo, — ouviu aquilo. As tintas vermelhas dessa aguarela policroma são as que faltam á saudade dos russos para ter todas as côres da alma — o grande disco de Newton... Rymsky Korsakow veiu a Hespanha rodopiar no fandango asturiano; quem sabe se desse rodopio resultou a vingança de algum bruxo, mais uma gargalhada de Satan, e o moscovita, rodopiando sempre, ficou com a alma toda branca por ter querido ser egual a Deus...*

O programa do primeiro concerto Blanch inseria, entre outras dignas de menção, uma obra de Liadow, Huits chants populaires russes *e outra de Filipe da Silva,* Rapsodia portugueza.

Até certo ponto bem urdido, duma sequencia inteligente, não se compreende que este programa terminasse pela ultima das partituras citadas, duma tão grande pobreza imaginativa e de orquestração, duma chateza de processos tão irritante e grotesca, com trechos inteiros de musica popular, sem o aspecto literario do lied, *arrastadospela orquestra fóra como os apitos nas ruas, impertinentes em noites de S. João.*

Se a intenção era apresentar cantos populares portuguezes ao lado dos cantos russos, ela falhou por completo, visto a obra de Liadow ser um trabalho de folego, e a de Filipe da Silva não ter a veleidade de ser um valor musical representativo. Se por outro lado era apontar a ausencia de trabalhos de vulto, tambem não conseguiu vingar, pois todos sabemos que esses trabalhos existem. Basta procurar com alguma boa vontade.

LUIS MOITA

O pintor Carlos Porfirio realisará em Lisboa, por todo o mez de Dezembro, a sua exposição. No proximo numero a CONTEMPORANEA se pronunciará.

Corbeau Frèrrn...

JUAN CRISTOBAL
"M.LLE X"

PUBLICIDADE
DA
Contemporanea
CAPITAL DO NORTE

Contemporanea

Dezembro de 1922

Além da tiragem referente ao N.º 6, contendo o frontespício e índice do 2.º volume para os coleccionadores,

Nova Tiragem

De "texte" e "hors-texte" perfeitamente iguais destinada a:

NUMERO DO NATAL

Será posta à venda nas principais livrarias de: PORTUGAL, ESPANHA E BRAZIL.

COLABORADORES:

Acacio Leitão
Afonso Lopes Vieira
Alfredo Pedro Guisado
Alvaro de Campos
Alves Martins
Amadeu de Sousa Cardoso
Americo Cortez Pinto
Americo Durão
André Brun
Antonio Boto
Antonio Carneiro
Antonio Correia d'Oliveira
Antonio Feliciano de Castilho
Antonio Sardinha
Antonio Soares
Aquilino Ribeiro
Augusto Ferreira Gomes
Augusto de Santa Rita
Celestino Soares
Columbano
Conde de Monsaraz
Costas Niarchos (consul da Grecia)
Diogo de Macedo
Eduardo Pimenta
Eduardo Viana
Ernesto do Canto
Eugenio de Castro
Fernando Pessoa
Fortunato Velez
Francisco Franco
Francisco de Lacerda
Francisco Manuel Cabral Metelo
Francisco da Silva Passos
Henrique de Vilhena
João de Barros
João Corrêa d'Oliveira
João Vaz
Jorge Barradas
José d'Almada Negreiros
José Bruges d'Oliveira
Leonardo Coimbra
Luiz Moita
Luiz de Montalvor
Luiz Ortigão Burnay
Manuel Jardim
Manuel Ribeiro
Manuel Vila-Verde
Maria de Carvalho
Mario Saa
Mario de Sá Carneiro
Mendes de Brito
Mily Possoz
Stuart Carvalhais
Teixeira de Pascoais
Vasquez Diaz
Virginia Victorino

CONTEMPORANEA

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ PACHECO

Redactor principal: OLIVEIRA MOUTA

Editor: AGOSTINHO FERNANDES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Nova do Almada, 53, 2.°

TELEFONE C. 1415

N.° 5

VOL. II - ANO I

SUMARIO